

Marcos Antônio da Silva

O Estudo de inferências em questões de compreensão do
gênero crônica.

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2011

Marcos Antônio da Silva

O Estudo de inferências em questões de compreensão do
gênero crônica.

Trabalho de conclusão apresentado à Faculdade de
Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
Como exigência do CURSO de Especialização
Em Língua Portuguesa – Ensino de Leitura e
Produção de Textos.
Orientadora: Prof^a. Dra. Carla Viana Coscarelli

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
2011

Introdução

A leitura tem ganhado cada vez mais um papel de destaque em nossa sociedade que está ficando cada vez mais letrada. Se pensarmos um pouco, veremos que muitas de nossas ações diárias dependem da leitura. E a leitura de que estamos falando é uma leitura que vai além da decodificação. Lemos para compreender e para buscar compreensão.

A leitura é uma atividade complexa, em que o leitor produz sentidos a partir de relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos. (kleiman apud Cafiero 2005:8). A leitura envolve tanto uma gama de habilidades de compreensão e interpretação. (Gabre apud Dell'isola 2005:73).

E como há um envolvimento de várias habilidades para que o leitor compreenda o texto, é necessário que ele seja capaz de fazê-lo a fim de que possa ter acesso a cultura, tecnologia e possibilidades de interagir socialmente.

Com essa pesquisa pretendemos abordar as inferências que são habilidades essenciais na leitura competente de um texto. O objetivo é verificar as dificuldades que alunos do 8º ano do ensino fundamental possuem em duas crônicas com nível diferente de compreensão e também as eventuais facilidades.

A fim de desenvolver essa pesquisa foi necessário que apresentássemos algumas definições sobre texto, e comentários breves acerca da compreensão textual, o leitor competente e sobre inferências.

A metodologia adotada foi a utilização de duas crônicas com questionários de compreensão textual que abordassem habilidades inferenciais que foram aplicados em sala de aula durante o período das aulas.

Em seguida apresentamos as crônicas de Paulo Mendes Campos e Marina Colasanti seguidos dos respectivos questionários de pesquisa juntamente com os gráficos e comentários de cada questão,

Esta pesquisa não consegue abordar todas as inferências que os alunos conseguem fazer, mas é um referencial e um diagnóstico da situação inferencial em que quarenta e cinco alunos da Escola Municipal Dom Bosco se encontravam no início do ano letivo de 2011.

Nossa proposta com esse estudo é refletir sobre a capacidade de leitura dos alunos pesquisados e pensar em alternativas para melhorar a sua capacidade de compreensão textual.

Algumas definições de texto

Como nossa intenção neste trabalho é abordar o processo de leitura no âmbito do ensino na escola, nada mais adequado que apresentar primeiramente a definição do que seja texto, pois ele é nosso objeto de estudo e “unidade básica de ensino” como diz os PCNs. É através dele que abordaremos questões de leitura, que aqui vai além da decodificação de signos ou de sua fluência e sim na perspectiva das inferências e do conflito gerador do enredo, ou seja, ler um texto e entender o que ele quer transmitir, encontrar o sentido, pois essa é a sua finalidade, relacionar-se com o seu interlocutor. E é na busca e no entendimento do que seja esse objeto que encontraremos caminhos que facilitem a interpretação dos aprendizes tanto na escola como em sua vida cotidiana.

Segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa o vocábulo **texto** provém do latim 'textu', «entrelaçamento, tecido, contextura», que ilustra uma citação do século XVI com a forma já aportuguesada: «Não lhe negarey que tratão lá mays disso, que dos textos.»). Já outra definição diz que text - ou 'texto' vem do latim *texere* (construir, tecer), cujo particípio passado *textus* também era usado como substantivo, e significava 'maneira de tecer', ou 'coisa tecida', e ainda mais tarde, 'estrutura'. Foi só lá pelo século XIV que a evolução semântica da palavra atingiu o sentido de "tecelagem ou estruturação de palavras", ou 'composição literária', e passou a ser usado em inglês, proveniente do francês antigo *texte*. Essa segunda definição retirada da internet www.sk.com.br. E finalmente definido no dicionário Houaiss como conjunto de palavras, frases escritas e trecho ou fragmento da obra de um autor.

Usaremos a primeira definição de texto como tecido, entrelaçamento de palavras capazes de transmitir informação, relacionar com o leitor. E, conseqüentemente, se é um tecido, uma teia, ele é formado por diversas partes que se unem para a formação de um todo, nesse caso o texto. E mais, se ele é formado por partes, alguém precisa juntá-las a fim de que cumpra seu objetivo que é o relacionamento com o outro, o interlocutor, como disse Baktin “tudo é resultado da relação”, relação entre as palavras, entre os vários conhecimentos e a relação entre os interlocutores.

Vários estudiosos através dos tempos também deram suas definições para texto visto que em épocas distintas ele assumia papéis cada vez mais imprescindíveis na vida das pessoas. E algumas destas definições são utilizadas com sentidos diferentes. A Lingüística, por exemplo, tende a ver o texto como um conjunto de unidades

lingüísticas que encerram um sentido e a Análise do Discurso, por sua vez, prefere definir texto como uma unidade de sentido entre autor e leitor (Bezerra apud Castro, 2008:169).

Como o que queremos é analisar o processo de leitura dos nossos alunos para nós isto é muito importante, conhecer várias definições sobre o texto, porque nos servirá de subsídio para poder entender o que aconteceu nas respostas do questionário

Para isso serão apresentadas a seguir algumas definições de diversos autores que servirão de base para podermos chegar a uma definição satisfatória a respeito do nosso objeto que é o texto e através disso conscientizar o aluno de sua importância para nossa relação com o outro.

Os lingüistas Halliday e Hasan (1989) (apud Pimenta e Santana 2007: 155) tem a seguinte visão de texto:

Precisamos ver o texto como um produto e como um processo e nos manter concentrados em ambos os aspectos. O texto é um produto no sentido de que é um resultado, algo que pode ser documentado e estudado, tendo uma certa estrutura que pode ser representada em termos semânticos. É um processo no sentido de um processo contínuo de escolhas semânticas, um movimento em uma rede de potenciais de significado, cada conjunto de escolhas constituindo um ambiente para um outro conjunto.

Se pensarmos no texto como um produto de acordo com Halliday e Hasan podemos dizer que ele é resultado de um trabalho e como trabalho veremos que também é processo, que é uma realização contínua e prolongada. Uma definição completa a outra, pois através de um procedimento chega-se ao produto. Assim, por exemplo, acontece em uma fábrica onde a produção é resultado de uma atividade a qual se inicia na matéria prima que vai se transformando até chegar ao final para ser comercializado. O mesmo acontece com o texto que como matéria prima utiliza a palavra de um língua para produzir o texto. Através dessa análise, podemos nos arriscar a chamar o texto de um produto, um resultado ou simplesmente um objeto.

Já Pimenta (apud Pimenta e Santana 2007:155) atribui um significado do lado semiótico dizendo que ele é fabricado, concordando com Halliday e Hasan, mas acrescenta falando que o texto é feito de fios semióticos ou seja ele é um objeto concreto produzido no discurso independentemente escolhido para tal.

Sendo o texto constituído de peças formando um produto ou fios formando um tecido há necessidade de alguém para montá-lo, fiá-lo e esse alguém é o autor que

utiliza o que tem em mãos numa determinada ordem e procura atingir um determinado objetivo.

Eu começaria por dizer que o texto é uma peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa, Orlandi (1995).

Coscarelli (2011) defende que textos são sempre verbais e que não se pode lidar com um conceito que caia no vazio por ser amplo demais e prefere fazer um recorte, porém não exclui a presença de outras linguagens.

Já Dell'isola (2005), não dá uma definição do que seja texto, mas apresenta a definição de Kleiman (1989) como uma unidade semântica em que os vários aspectos da significação são materializados através de categorias lexicais, sintáticas, semânticas e estruturais, o texto, em geral, é entendido ou como processo ou como um produto. Prefere se valer da definição utilizada nos trabalhos de Costa Val (1991,2000,2002) de que o texto é uma ocorrência falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal. Entretanto, deixa escapar sua opinião em princípio, como ela mesma diz, que um texto é produto da atividade verbal humana, é uma unidade em uso com uma função comunicativa.

Como atividade que será desenvolvida é a investigação da capacidade de compreensão de textos referentes a inferências e o conflito gerador do enredo, o melhor conceito que se deve aplicar é que texto é aquele em que, o texto vai se formando durante a leitura, pois através e durante ela é que produzimos as inferências, introduzimos nosso conhecimento adquirido, fazemos relações entre os textos e com isso o texto vai tomando forma e adquirindo sentido para o leitor.

Compreensão textual

Todo texto convida o leitor a decifrá-lo, a encontrar em suas palavras ou em suas entrelinhas algo significativo para aumentar seus conhecimentos ou mesmo para diverti-lo. Podemos compará-lo a um enigma que muitas vezes nos leva a lembrar daquele mitológico o qual a esfinge propunha a quem quisesse entendê-la “decifra-me ou devoro-te”. Não querendo ser tão radical assim, mas com os olhares fixos dentro da sala de aula, podemos dizer que se não chegamos a isso estamos muito próximos, pelo menos nas escolas em que lecionei até hoje. Os

alunos têm dificuldades na compreensão de textos escritos e além de tudo não possuem o hábito da leitura. Não queremos aqui enumerar razões para isso mesmo porque o que estamos tentando fazer é justamente encontrar algumas dessas razões para que através delas possamos nortear o trabalho de compreensão textual tendo em vista a melhoria de algumas habilidades importantíssimas.

Compreender texto é como montar um quebra-cabeça, utilizam-se peças inferenciais, relacionais, de conhecimento adquirido e outras tantas também muito necessárias a uma boa e correta compreensão, é o que diz Coscarelli (2011):

Lemos identificando palavras, expressões, reconstruindo a estrutura das frases, percebendo a cadeia referencial (ex. antecedentes dos pronomes), construindo a cadeia causal (relações de causa e consequência) e outras relações lógicas entre os elementos do texto (relações de tempo, espaço, explicação, restrição, oposição, inclusão, condição, entre outras). Lemos construindo sentido para as partes, que são integradas ao todo, lemos trazendo para o texto nossas experiências prévias com aquelas palavras, estruturas, tema, gênero textual, suporte. Lemos ativamente, levantando perguntas, dúvidas, adicionando informações ao texto, discordando dele, estabelecendo relações entre o texto e outras leituras e experiências.

Podemos notar então que para compreender um texto não basta ficar preso somente em suas palavras, isso é apenas uma parte, deve-se ir além, e utilizar também de elementos externos a ele para construir pontes que possibilitem a sua compreensão. Segundo Coscarelli (2011), para compreender um texto, o leitor não pode contar somente com os elementos presentes nele. Além do que o autor selecionou para colocar no texto, o leitor deve contar também com seus conhecimentos prévios para fazer inferências, ou seja, deve usar seus conhecimentos sobre o funcionamento da língua, sobre o assunto tratado e a respeito da situação, para completar o texto, construindo assim um ou mais significados para ele. O texto possui intervalos que devem ser preenchidos a fim de conduzir a interpretação.

Regina Peret em seu livro “O sentido das palavras na interação leitor – texto, em seu capítulo dois também traz concepções semelhantes distribuídas em três partes. A primeira de que ler é fenômeno de identificação, a segunda que é um processo seletivo e a terceira um processo interativo em que o leitor seleciona informações, elimina outras, cria novas relações, adiciona elementos e, finalmente, reconstrói o sentido do texto. Apesar de seu livro estar analisando o processo de compreensão de uma língua estrangeira, pode-se muito bem entender que essas concepções separadas ou reunidas também são aplicáveis ao entendimento de um

texto em Língua Portuguesa, pois para muitos alunos, inserindo aqui um pouco de exagero, o texto em língua materna é igual ou menos compreensível que o texto em língua estrangeira.

Como a compreensão de texto envolve todas essas peças que juntas formam um texto e os alunos ainda não as possuem, é papel da escola proporcionar essas peças a eles para que se tornem leitores competentes. É uma das pessoas que pode ajudá-los a encontrar essas peças é o professor de português com algumas peças específicas e os professores de outras disciplinas com outras não menos importantes para o processo.

O leitor competente

O texto é uma unidade completa e ao mesmo tempo uma unidade incompleta, porque só se realiza em função do outro, o leitor competente.

O leitor competente é aquele que possui as peças para montar o texto, descobrir, entender o que ele quer dizer.

Segundo Coscarelli (2003:24), “os objetivos do leitor também auxiliam na aplicação dos conhecimentos esquemáticos”, já que ajudam a resolver o problema da escolha dos conceitos e esquemas adequados a uma determinada atividade de leitura, de modo que os objetivos do leitor são importantes na seleção dos elementos que compõem os esquemas mentais, e se refletem, desta forma, nas inferências que serão produzidas no processo de compreensão do texto.

Na teoria dos esquemas, a compreensão de um texto é um processo interativo entre leitor e o texto. Para compreender um texto, o leitor seleciona esquemas que vão lhe permitir atribuir um significado ao texto a partir de informação nele contida. (Dell’isola, 2005:74)

Para Cafiero (2005), assim como o texto, o leitor também é um elemento importante na compreensão. É ele que age sobre o texto, em situações reais de comunicação, e lhe dá sentido por meio de sua leitura. Quando busca compreender, o leitor competente não pára na superfície do texto.

Segundo Coscarelli o bom leitor é capaz de fazer inferências de diversos tipos e graus de complexidade.

O bom leitor é capaz de interagir com o texto montando esquemas mentais através de inferências para compreender os textos em situações comunicativas.

Inferências

Durante o ato de leitura várias operações mentais são ativadas como a decodificação, a observação, a comparação o relacionamento das palavras escritas com a de outros textos já lidos – o conhecimento prévio – as inferências que a todo instante são feitas, até mesmo instintivamente. Trataremos aqui das inferências que são uma das habilidades que envolvem alguns conhecimentos que o leitor já possui como o conhecimento prévio, lingüístico, de mundo, da situação que um leitor proficiente deve atingir para uma boa compreensão textual.

Para compreender um texto, o leitor tem de fazer inferências porque o texto não tem nem poderia ter todas as informações necessárias a sua compreensão. Para fazer inferências o leitor tem de contar com informações do texto e adicionar a ele, quando necessário, informações do seu conhecimento prévio e do contexto. Coscarelli

Como o texto não traz todas as informações para que possamos compreendê-lo é necessário que o leitor seja um leitor atento para inferir no momento da leitura o que o texto exige. Se a informação estiver explícita ou implícita, não importa, o leitor precisa fazer ligações mentais entre o texto e as demais informações que já possui previamente para entender o texto. Quando explícitas essas informações, logicamente estarão no próprio texto, são as pistas oferecidas pelo texto para que o leitor o desenvolva e o entenda. Quando as informações estiverem implícitas o leitor precisará de um conhecimento previamente adquirido para que faça ligações entre o que estiver lendo com o já aprendido ou vivenciado. É uma recuperação mental de uma informação previamente adquirida pela leitura ou por outros meios como audição.

Segundo Kleiman (apud Mello 2005:35), o que chamamos de conhecimento prévio [...] é um conhecimento que o leitor já tem adquirido ao longo da vida. Fazem parte do conhecimento prévio: o conhecimento lingüístico, o textual e o conhecimento de mundo. O conhecimento lingüístico compreende um conhecimento implícito, não verbalizado, que faz com que falemos a língua portuguesa (qualquer

falante tem conhecimento lingüístico) e, portanto, tem o papel central no processamento do texto.

Para que o leitor aprendiz melhore sua capacidade de fazer inferências, é necessário que ele adquira vários conhecimentos sobre o mundo que o cerca e para isso Marcuschi (2003) sugere que o trabalho com compreensão textual seja montado com um conjunto de perguntas que exijam a reunião de várias informações para serem respondidas, ou afirmações, que para serem justificadas, exijam vários passos. Não perguntas objetivas, mas inferenciais; perguntas cujas respostas não se acham diretamente inscritas no texto.

Alguns tipos de inferências

Para orientar o nosso trabalho é necessário que escolhamos algum dos tipos de inferência. Mas há uma concordância sobre quantas e quais tipos de inferências podem ser feitas em um texto?

Segundo Coscarelli(2011) não há sistematização em relação aos nomes dados às inferências e aos critérios usados para classificá-las na literatura sobre esse assunto. A maioria dos autores trata de alguns tipos de inferências, muitas vezes criando nomenclatura própria.

Vejamos a seguir como alguns autores tratam da questão:

Marcuschi (apud Sampaio 2005) afirma que, ao elaborar uma classificação para as inferências, tinha a intenção de oferecer uma classificação que fosse capaz de fornecer um modelo que desse conta dos processos seguidos na organização de todo e qualquer tipo de reprodução de texto(compreensão, interpretação, parafraseamento, etc.), identificando o processo inferencial seguido. Nomeou três grupos de inferências. O primeiro denominou inferências Lógicas – relações lógicas, valores e verdades – o segundo grupo chamou de Analógico-semântica – relações lógico-semânticas – e por último Pragmático-cultural – relacionadas aos conhecimentos, crenças, ideologias, axiologias individuais.

Singer e Ferreira (apud Sampaio 2005:70) classificaram as inferências em dois tipos gerais. Inferências Conectivas – são aquelas que especificam uma

conexão entre a sentença corrente e uma parte anterior do texto- e as Inferências Preditivas – ao contrário das inferências conectivas podem ter um alto grau de probabilidade, mas não são essenciais para a coerência.

Já Morles (apud Santos 2008:) propôs três conceitos para os tipos de inferências relacionados com as estratégias cognitivas:

- Inferência Lógica – proposição necessária à interpretação do texto;
- Inferência Elaborativa – Estabelece a ligação entre os conhecimentos prévios e a proposição fornecida pelo texto;
- Inferência Avaliativa – Proposição centrada no conteúdo do texto.

Para finalizar verificamos que Coscarelli (2010) faz uma análise sobre os dois grandes grupos, o primeiro chamado de Inferências cognitivas e o segundo de inferências elaborativas.

Metodologia

A intenção inicial era fazer a pesquisa com alunos do 7º ano de uma escola rural de Pará de Minas, mas como fui removido para outra escola e em conversa com a supervisora, ela sugeriu que eu fizesse com a turma do 8º ano que eles me dariam um respaldo maior, pois a turma do 7º ano possui alunos com PDI que precisam até serem alfabetizados ainda. Devido a essa situação e diante da orientação dirigi a minha pesquisa para o 8º ano. Não usei mais nenhum outro critério e resolvi aplicar a pesquisa para as duas turmas existentes na escola o 8º amarelo e o 8º verde, ambas, com aproximadamente 25 alunos. A turma do 8º verde possui alunos com muitas dificuldades e é mais homogênea e a turma do 8º amarelo é mais heterogênea, possuindo alguns alunos de excelente aprendizagem, o que percebi nas primeiras aulas e o restante com falhas muito grandes na aprendizagem.

Esses alunos, em diagnóstico inicial, são alunos que não se interessam pela leitura não possuem o hábito e pelo que pude observar nem se interessam, mas isso não vem ao caso no momento, pois são os alunos que tenho para a realização do trabalho e com a pesquisa e alguns meses de trabalho alguma coisa será mudada, em todos os sentidos, principalmente no que se refere a leitura que é nosso foco.

Materiais

Os alunos receberam duas crônicas a primeira de Paulo Mendes Campos “A lagartixa”, retirada da internet e contendo dezesseis questões que foram elaboradas na tentativa de verificar as habilidades de inferência e de reconhecer os elementos geradores de conflito na narrativa. E a segunda, de Marina Colasanti “Eu faço não com a cabeça”, retirada do livro didático “Entre Palavras” de Mauro Ferreira, indicada para a 7ª série – 8º ano – página 218. Para o trabalho de pesquisa foram utilizadas as questões de número 2 da página 220 com mudança em parte do enunciado. A questão de número 9 que no livro é a número 5 inclusive a expectativa de resposta, a questão 3 da pesquisa foi adaptada da questão 1 do livro permanecendo a mesma expectativa de resposta que o autor apresentou na letra a, a questão 5 é uma adaptação da questão 2 e com outra expectativa de resposta, a questão 6 é adaptação da questão 7 na página 221 e finalmente as questões de número 7 letra b é a mesma da página 222 número 5 e a de número 8 é a mesma número 3 da página 220 inclusive as expectativas de resposta. As demais foram elaboradas para atender as habilidades pesquisadas.

Tarefas

As atividades foram aplicadas em dois dias com um intervalo de uma para a outra de quarenta dias. A primeira tarefa, que foi a leitura e questionário com as habilidades a serem pesquisadas, foi entregue para os alunos com tempo estipulado de uma hora para poderem executá-la. Num primeiro momento o professor fez a leitura em voz alta para todos acompanharem e em seguida questionou os alunos sobre o texto para poder verificar se tinham compreendido o que foi acabado de ler. No questionamento pôde-se perceber que os alunos do 8º amarelo responderam sem titubear sobre o assunto do texto. Já os alunos do 8º verde ora não quiseram responder ora responderam que entenderam. Numa primeira análise também notei que os alunos possuem pouca concentração e pouco compromisso com a aprendizagem. Em seguida o professor pediu para que relessem novamente o texto e respondessem as dezesseis perguntas da pesquisa.

O segundo questionário de pesquisa foi aplicado após quarenta dias e depois de vários comentários sobre o questionário anterior e com aulas que tinham como objetivo orientar os alunos quanto às habilidades pesquisadas. Passados os dias já referidos, foi aplicado também o segundo questionário com outro texto com um nível maior de dificuldade com questões versando sobre as mesmas habilidades do texto anterior.

Quando perguntados oralmente, depois da leitura do texto e antes de responder ao questionário, se entenderam o texto, somente três alunos do 8º verde e cinco alunos do 8º amarelo disseram que sim. Os outros disseram que não entenderam. Em vista disso orientei que os alunos fizessem uma segunda leitura de maneira mais atenta a fim de que pudessem tentar extrair dele algumas informações.

A pesquisa – 1ª crônica

A seguir será apresentado o trabalho de pesquisa e coleta de dados feitos com os alunos do 8º ano do ensino fundamental sobre inferências, a fim de diagnosticar como eles estão compreendendo os textos. Para isso duas crônicas foram utilizadas. A primeira de Paulo Mendes Campos, Lagartixa, e a segunda de Marina Colasanti “Eu faço não com a cabeça”. São duas crônicas que exigem níveis diferentes de entendimento e das quais foram elaboradas dezesseis e nove questões respectivamente para coletar as respostas. Depois da coleta de dados, feita em sala de aula, foram elaborados gráficos comparativos e cada questão foi analisada individualmente resultando na produção de comentários com a apresentação de hipóteses tanto para os casos de acerto quanto para as respostas inadequadas e até para a falta de resposta a algumas questões.

Crônica 1

Lagartixa

Sinto nojo e medo de lagartixas domésticas, acabei odiando o pobre bicho. Outro dia vi um menino brincar com uma, das menores, por sinal, e estremeci como se a criança estivesse a cutucar um violento jacaré. Meu apartamento vinha sendo a residência de três enormes lagartixinhas. Noites mal dormidas. Pensei: preciso matá-las para livrar-me do receio de que me caiam na cara durante o sono.

Ontem liquidei duas.

A primeira foi mais fácil. Para começar, fitei-a longamente, como a convencer-me de minha superioridade física e moral. Armado de um cabo de vassoura, aproximei - me cauteloso, enquanto ele me olhava, a duvidar de minhas reais intenções. Não é possível – concluí – que este sujeito vai me dar, a mim que nada lhe fiz, uma cacetada. Como eu continuasse avançando recuou um pouco, mas, pejando-se da covardia, tornou a refletir que eu não teria motivos para maltratá-la.

Seu nobre raciocínio custou-lhe o rabo, o rabo porque, no desconcerto da emoção, o golpe desviou-se alguns centímetros do alvo. Enquanto o rabo – momento puro de misterioso pavor – estertorava-se no chão, a bichinha esgueirou-se pela parede, ocultando-se atrás de um móvel. Os saltos do rabo solitário me acabrunhavam. Senti meu valor desfalecer. Agora, no entanto, o problema era outro; tratava-se, piedosamente, de livrar a lagartixa daquele rabo inquieto, ou seja, destruir a lagartixa aleijada. De que vale uma lagartixa sem rabo? De que vale um rabo sem lagartixa. Afastei o móvel, tive a impressão triunfante de que ela fremia de horror.

Desferi o segundo golpe com tal confusão de sentimentos que a infeliz ficou descadeirada. Tonta, sem noção do perigo, começou a arrastar-se penosamente pelo rodapé, desgraciosa e lenta. Com a terceira bordoadada, estrebuchou de barriga para cima. É cadáver, respirei.

Coisa nenhuma. Ao remover o corpo, fui surpreendido por um pulo que a colocou de novo, toda estragada, na posição normal. Veio-me um frio ruim à espinha. Tive vontade de sair, dar uma volta pela praia, tomar um conhaque. A essa altura, entretanto, já não podia permitir a mim mesmo fraquezas dessa espécie. O tiro de misericórdia (ai de mim) teria liquidado um gambá.

O assassinato da segunda, (a verificação chocou-me bastante) foi incomparavelmente mais fácil. Menos emocionado, já meio habituado ao crime, desferi apenas dois golpes furiosos e fatais.

Joguei os corpos no lixo, e estava a escrever isto, quando alguém, lendo por cima do meu ombro, corrigiu a minha ignorância em dois pontos: primeiro que lagartixa dá sorte; segundo, que, decepado o rabo de uma lagartixa, cresce-lhe outro. Assim sendo, quanto ao rabo retifico logo: uma lagartixa sem rabo, a longo prazo, vale uma lagartixa inteira. No tocante à sorte, quero dizer que o extermínio das duas inocentes parece que me ajudou muito a libertar-me do medo. A terceira

lagartixa, ausente na hora da matança, pode ficar agradecida ao sacrifício de suas irmãs. E se ela me der sorte, eu lhe pouparei a vida.

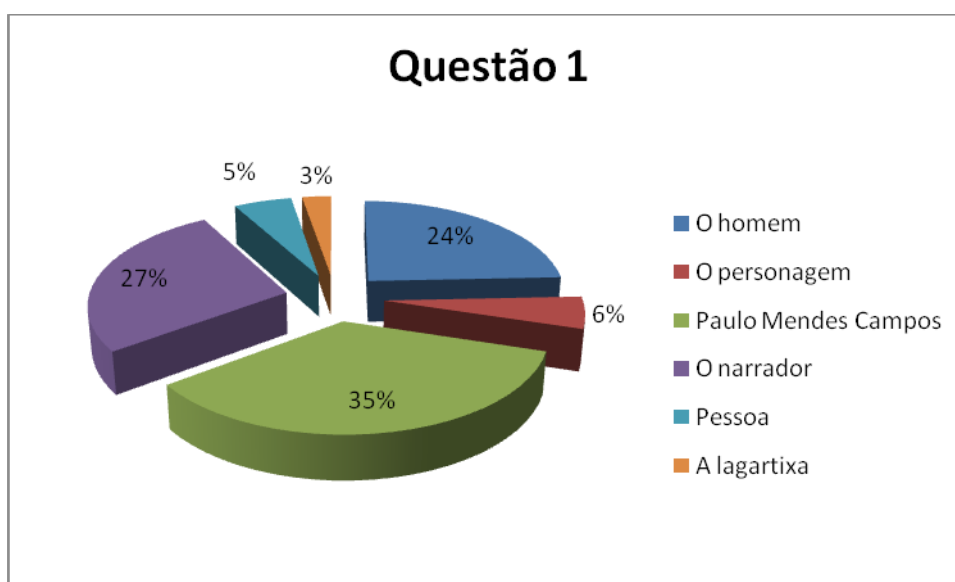
Paulo Mendes Campos

Questão 1 - Quem conta a história?

Espera-se que o aluno responda que é um narrador personagem, pois ao mesmo tempo que conta, participa da história. É importante que o aluno também veja que esse narrador é do sexo masculino, o que é comprovado pela fala da lagartixa - que este sujeito vai me dar, a mim que nada lhe fiz uma cacetada.

Respostas obtidas no diagnóstico:

Quant.	Respostas
6	O homem que tem medo de lagartixa
2	O personagem
13	Paulo Mendes Campos
9	O narrador
3	A pessoa que tem medo de lagartixa.
1	A lagartixa
1	Uma pessoa
2	Um homem
1	Um homem que participa da história.
1	Uma pessoa que narra a história e não se sabe se é homem ou mulher.
1	É o narrador que narra a história e participa da história.



Dentre todas as respostas dadas, “O homem que tem medo de lagartixa” foi a mais adequada ao texto visto que há elementos textuais que a comprovam, como o trecho que a lagartixa fala ou pensa _ que este sujeito vai me dar, a mim que nada lhe

fiz, uma cacetada – comprovando que o narrador é do sexo masculino e também o trecho do início da crônica “Sinto nojo e medo de lagartixas domésticas” que comprova que ele tem medo.

As outras respostas são inadequadas ou incompletas. Inadequadas porque não encontram elementos no texto que a comprovem, como por exemplo, a resposta Paulo Mendes Campos que pode ou não ser o narrador personagem da crônica e a resposta “A lagartixa”, que demonstra que o aluno não compreendeu a história contada e que também não pode ser comprovada de nenhuma maneira pelo texto.

Hipóteses para que o aluno tenha errado:

O aluno desconhece os elementos que são necessários para que se tenha uma narrativa e por isso não soube responder adequadamente;

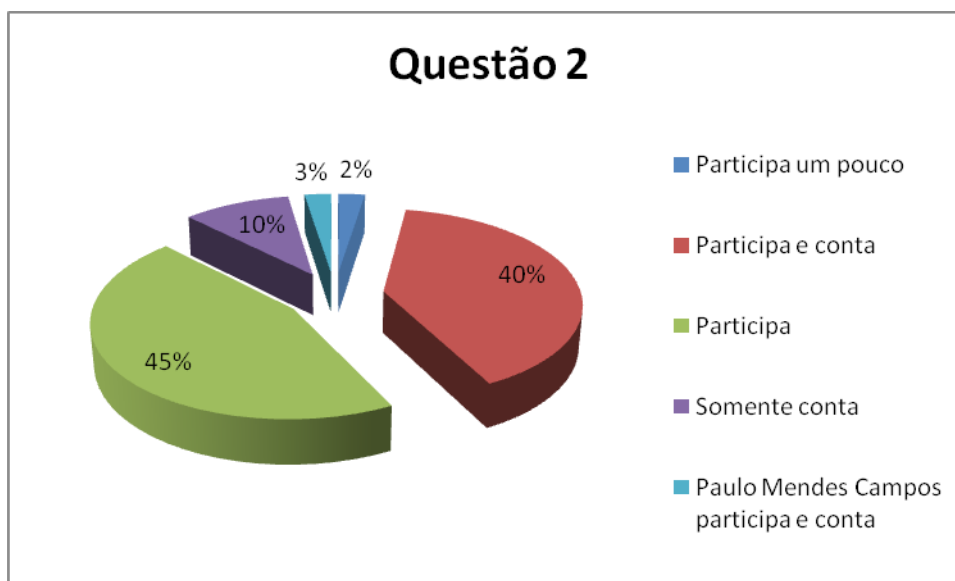
O aluno tem dificuldades de elaborar respostas completas, ou seja, respostas que não deixam dúvidas quanto ao seu entendimento;

O aluno não compreendeu o texto por determinados motivos. Falta de atenção ou dificuldades de leitura.

Questão 2- Quem conta a história participa ou somente conta?

Essa questão praticamente repete ou é sequência da anterior. O esperado é que o aluno responda que o contador da história também participa.

Quant.	Respostas
1	Participa um pouco.
16	Participa e conta.
18	Participa.
4	Somente conta.
1	Paulo Mendes Campos participa e conta.

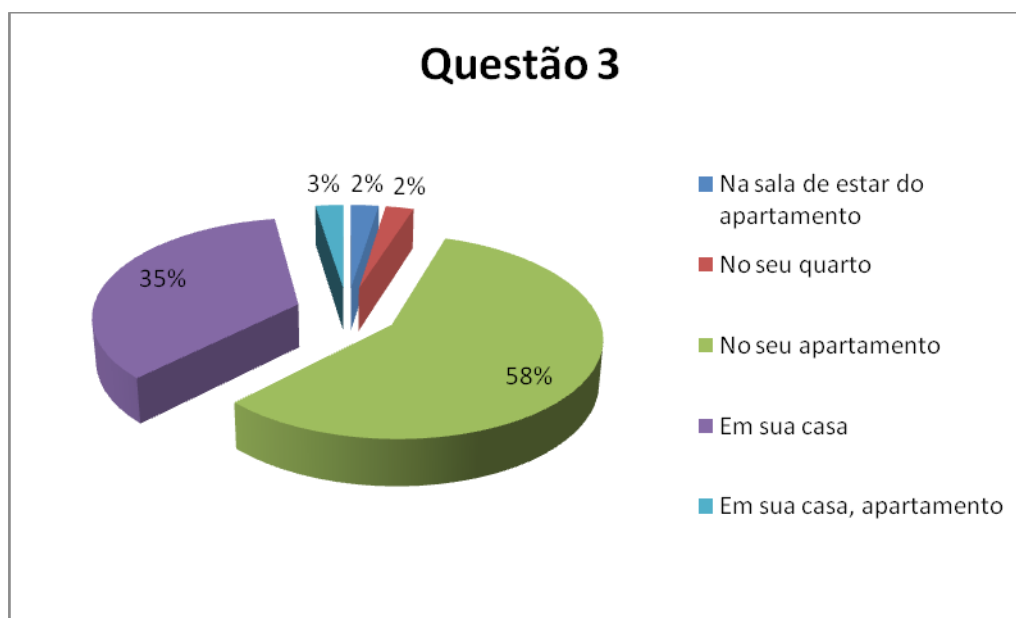


Analisando essas respostas, surge um fato interessante. Aqui os alunos souberam, em sua maioria, identificar que o narrador conta e participa da história. Uns com respostas um pouco mais completas e outros respostas menos completas, mas que respondem a pergunta da maneira que lhes foi proposta: participa ou somente conta? Então surge a questão passiva de análise. O que fez com que os mesmos alunos na pergunta anterior respondessem erradamente e numa questão posterior, quase que repetindo a anterior acertassem? Não é difícil detectar esse efeito, pois se observarmos a pergunta anterior, ela é bem aberta, sem pistas para que o aluno chegue a resposta a não ser que leia e entenda o texto. Já essa segunda questão a pergunta induz o aluno a uma das respostas e isso ao meu ver foi crucial para que respondessem adequadamente a questão. Porém aqui o ponto é outro. Então se a questão é praticamente sequência da questão número 1(um) por que os alunos não utilizaram dessa questão 2 (dois) para responderem a questão 1 (um)? Falta de atenção? Falta de orientação para poderem interpretar o texto? Falta de compromisso consigo mesmo para aprenderem? Não tenho a resposta exata para essas hipóteses, mas que todas podem ser trabalhadas e superadas isso sim poderá ser feito.

Questão 3 - Onde ele está?

Espera-se que aluno responda que o narrador está em seu apartamento o que é comprovado no terceiro período do texto. Porém pode se inferir que as lagartixas podem estar no quarto porque num trecho seguinte ele fala que teve noites mal dormidas por causa das lagartixas e o ato de dormir, pela lógica, é feito em um quarto.

Quant.	Respostas
1	Na sala de estar do apartamento.
1	No seu quarto.
23	No seu apartamento.
14	Em sua casa.
1	Em sua casa, apartamento.



Apesar de estar claramente escrito no texto que ele está em seu apartamento, alguns alunos responderam diferente. Isso se deve a falta de atenção ou mesmo a uma leitura mais atenta no texto para tentar verificar se o texto traz ou não a resposta e que nesse caso traz.

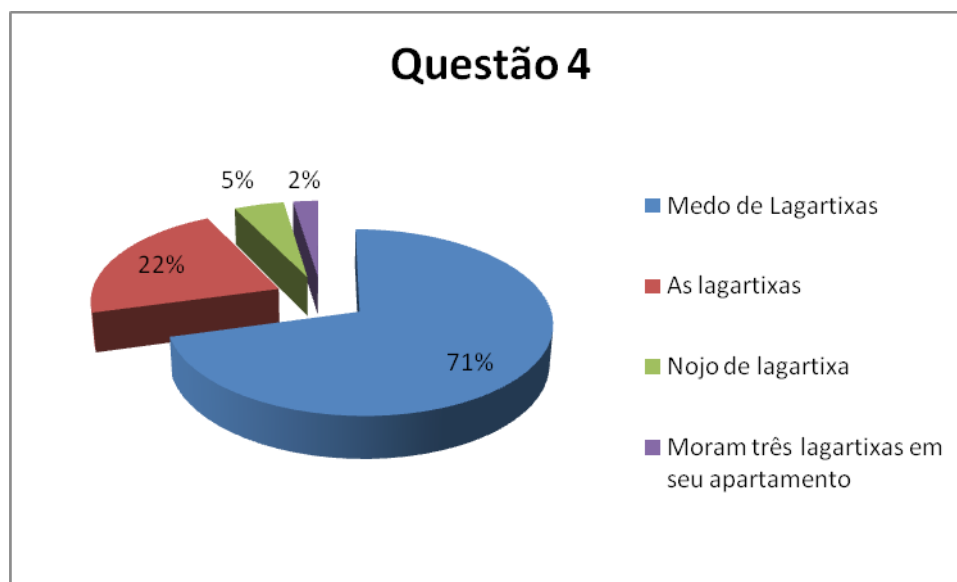
Um único aluno conseguiu fazer uma inferência, o que prova que os outros não perceberam ou não entenderam que o narrador disse que tinha noites mal dormidas por causa das lagartixas. Contudo os que responderam no apartamento poderiam ter inferido que as lagartixas estavam ou poderiam estar do quarto. O que não desabona a resposta

dos alunos, mas que aponta uma dificuldade dos alunos que é fazer as inferências a partir de elementos apresentados no texto.

Questão 4 - Qual o problema dele?

Espera-se que o aluno responda que o problema da personagem é que ele tem medo de lagartixa e principalmente de que elas caíam sobre ele durante o sono.

Quant.	Respostas
6	Ele tem medo e nojo de lagartixa
1	Moram três enormes lagartixas domésticas em um apartamento onde o dono tinha medo e nojo.
3	O problema dele é com a lagartixa.
14	Medo de lagartixas.
6	As lagartixas
3	Ele tinha medo de lagartixas domésticas.
1	Por causa de morar três lagartixas em seu apartamento.
1	A lagartixa porque a pessoa tem muito medo e nojo.
2	Ele tinha pavor, medo, nojo de lagartixa, não suportava ver uma.
2	Nojo de lagartixa.
4	O problema dele eram as lagartixas na hora de dormir, ele ficava com medo de cair na cara dele.



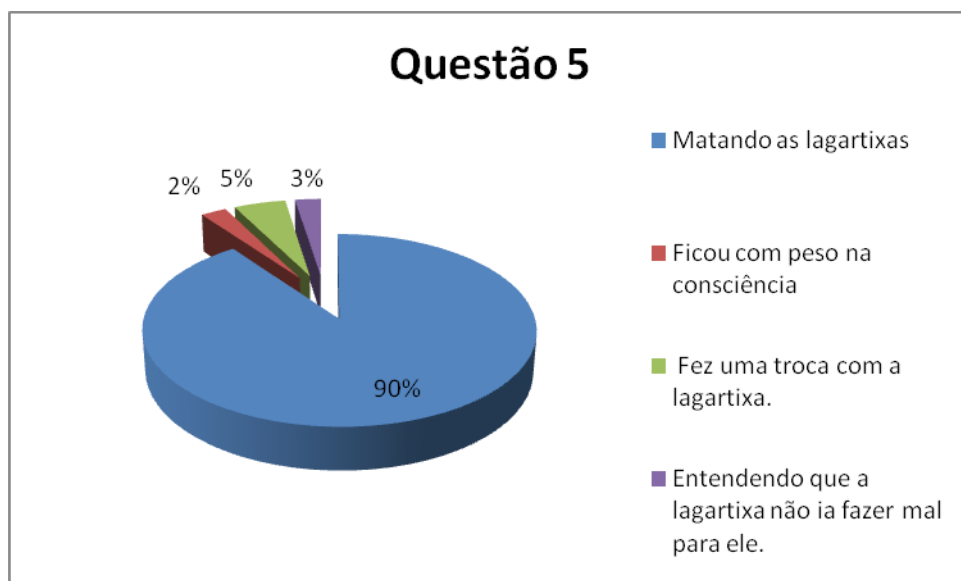
As respostas a essa pergunta foram de formas variadas e acertaram na maioria que o problema era o medo de lagartixa, porém não completaram que o medo era também que elas caíssem sobre ele durante seu sono é talvez o que mais o apavorava. Somente quatro alunos do 8º verde disseram que o personagem tinha medo que elas

caíssem em cima dele na hora de dormir, mas também deixaram de citar o medo das lagartixas de maneira geral.

Questão 5 - Como ele resolveu o problema?

Espera-se que o aluno responda que ele resolve o problema, pois matando as duas ele conseguiu se livrar do medo o que é relatado pelo personagem no último parágrafo o extermínio das duas inocentes parece que me ajudou muito a libertar-me do medo.

Quant.	Respostas
1	Ela começou armada com uma vassoura e matando as lagartixas.
1	No início tinha medo mais no final teve dó da lagartixa a pessoa ficou com peso na consciência e decidiu não ter medo da lagartixa.
3	Matando duas lagartixa e poupando a vida de uma para ver se dava sorte.
1	Matando 2 lagartixas e enfrentado seu medo.
3	Matando elas.
1	Matando as duas lagartixas.
2	Matando as duas lagartixas e deixando a terceira viva.
2	Fez uma troca com a lagartixa.
1	Tentou matar elas e matou duas.
1	Matando duas das três lagartixas que morava em seu apartamento.
1	Ela começou a matá-la com uma vassoura.
1	Matando as lagartixas (as duas lagartixas).
1	Entendendo que a lagartixa não ia fazer mal para ele.
2	Exterminando, matando, dando paulada nelas.
3	Matando duas das três lagartixas.
10	Matando a lagartixa.
1	Matando duas lagartixas e vendo o sofrimento delas.
1	Matando todas elas.
4	Ele resolveu matando uma por uma.

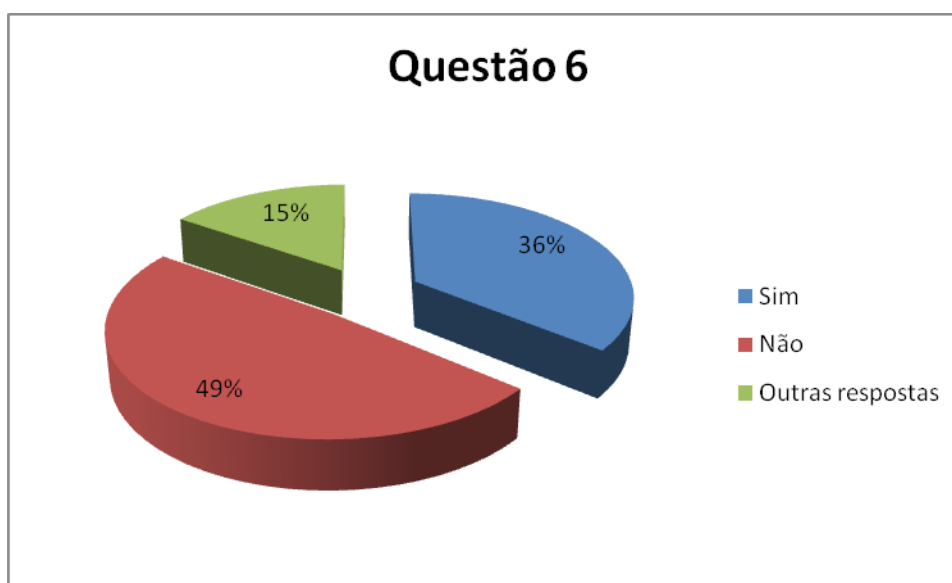


Nessa questão houve uma variedade de respostas. Percebe-se que entenderam que o problema do personagem era o medo das lagartixas. O que ficou confuso, ou os alunos não entenderam, foi que havia três lagartixas e que ele conseguiu matar somente duas e que a terceira não foi sacrificada porque se escondeu. Pode-se notar que poucos tiveram esse entendimento. Uma hipótese provável para não terem respondido isso foi não terem o cuidado de ler novamente o texto e com atenção verificar o número de lagartixas que o personagem relata. Logo no início da crônica ele diz que três lagartixas residiam em seu apartamento, mas na hora da matança só havia duas o que é comprovado no final do texto quando ele fala que a terceira só escapou porque estava ausente na hora da matança. Acredito que as respostas dos alunos, em sua maioria, poderiam ser exatas, melhor formuladas, se os alunos tivessem relido o texto com maior atenção e observado a quantidade das lagartixas citadas pelo narrador e as que morreram com as pauladas. Isso é uma questão que precisa ser trabalhada o aluno quer ler o texto uma única vez e já responder a questão. E aí muitos erraram, pois é impossível através de uma única leitura guardar todas as informações que o texto carrega.

Questão 6 - Ele ficou satisfeito com a solução que encontrou?

Resposta esperada: Sim, uma vez que matou duas das três lagartixas, seu medo por elas foi embora.

Quant.	Respostas
8	Sim.
4	Acho que ele ficou mesmo confuso se tinha raiva ou não, satisfeito ou não, creio que ele ficou dividido entre tais emoções.
1	Ficou satisfeito quando matou a lagartixa.
1	Sim, porque matando as duas lagartixas ajudou ele a superar o medo.
4	Não, porque ele ficou com pena da lagartixa.
6	Não.
1	Não, ele ficou confuso com o pulo que ela deu depois de sua morte.
1	Ficou, pois acabou com as lagartixas.
3	Não, ele ficou abalado.
1	Um pouco.
1	Não, pois ele fez a coisa errada. Ela não fez nada.
2	Não, porque ele ficou sabendo que nascia outro rabo e que lagartixa dava sorte.
1	Não totalmente, pois os seus sentimentos se misturaram no meio da história.
1	Não porque lagartixa dava sorte.
1	Sim, porque em troca ela vai da sorte.
1	Sim, porque agora não terá mais medo de lagartixas.
1	Sim, elas não precisariam morrer e ele teria sorte.
1	Sim de matar duas e livrar uma delas da morte.
1	Sim, pois ele compreendeu que as lagartixas são inocentes.



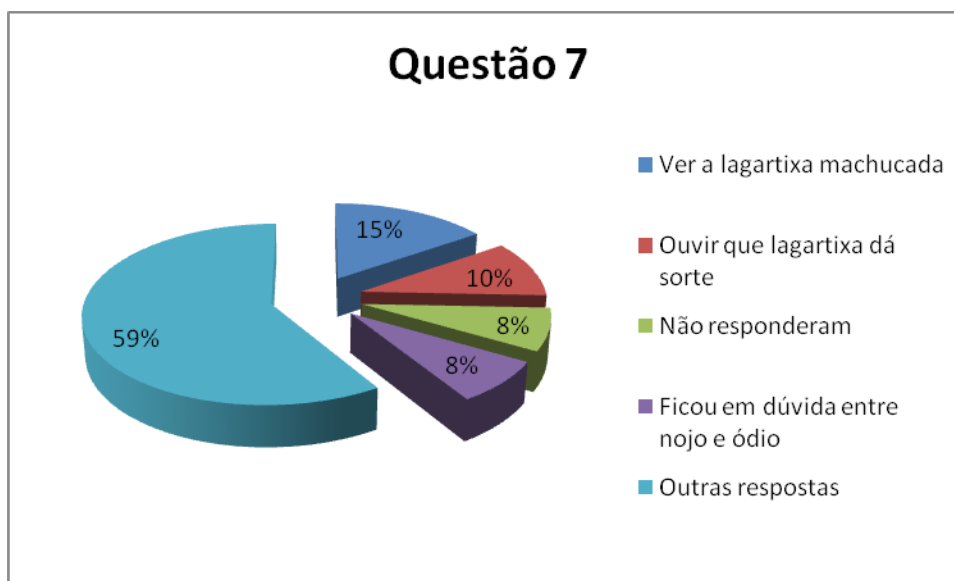
Tivemos várias respostas a essa questão. Alguns alunos disseram que sim, porém somente uma delas foi completa. O aluno disse “Sim, porque agora não terá mais medo de lagartixas”, e isso é comprovado no final do texto o extermínio das duas inocentes parece que me ajudou muito a libertar-me do medo. Os outros que também responderam que sim não conseguiram justificar a resposta. Os alunos que responderam não, talvez

não tenham conseguido identificar o problema que o personagem tinha na crônica ou não tiveram atenção em ler o texto e comprovar através da fala do narrador no final do texto.

Questão 7 - O que causou a confusão de sentimentos no personagem?

Espera-se que o aluno responda que foi o fato do narrador acertar a lagartixa e ela continuar viva mesmo tendo perdido o rabo. Nesse instante ele ficou meio confuso e até com pena da lagartixa, alterando seus sentimentos.

Quant.	Respostas
1	Quando matou a segunda lagartixa ele viu a bicha morrer e ficou triste.
2	A piedade.
1	Refletiu que não teria motivo para matá-la e que ela fremia de horror.
3	Não responderam.
4	A lagartixa.
1	Que ele tem medo que as lagartixas caiam na cara dele quando ele dorme.
1	A terceira fez ele pensar na que ele fez.
1	Ele ficou confuso porque ele matou as lagartixas e depois uma pessoa falou pra ele que lagartixa dá sorte. Aí ele ficou com dó delas.
1	A morte da lagartixa sendo que adianta uma lagartixa sem rabo, sendo que ele cresce de volta.
3	De ver ele aleijada.
2	Quando ele ficou sabendo que não havia adiantado.
1	Depois que a lagartixa estava morta ela consegue pular e ficar debruço.
2	Ficou com a consciência pesada porque ele matou a lagartixa.
1	O medo e a pena.
1	Devido a matança e o medo foi que nem eu disse ele ficou dividido entre tais emoções. Creio o que causou a confissão foi a covardia que ele fez.
2	Ele pensou que não crescia outro rabo na lagartixa.
1	ele ficou com pena da morte das duas lagartixas e poupou a vida da outra para dar sorte.
2	Quando alguém disse para ele que lagartixa dá sorte.
3	Porque ele matou as lagartixas.
1	O medo de elas serem perigosas.
2	A lagartixa morta e aleijada.
1	A pena porque ele matou a lagartixa.
1	Ele não sabia o seu sentimento se tinha nojo ou ódio da lagartixa, mas matou ela assim mesmo.
2	ele não sabia se tinha ódio ou nojo, ficou confuso.



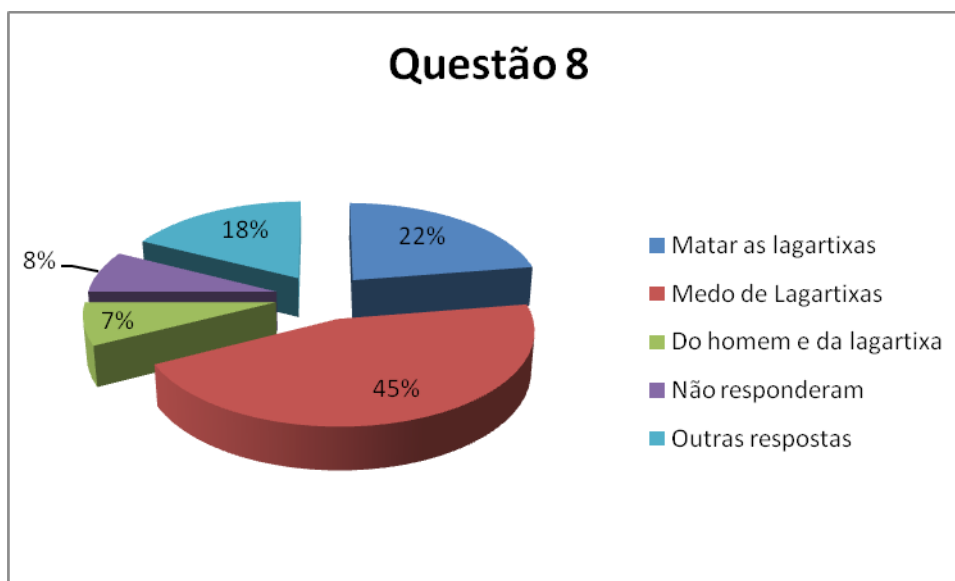
Essa questão é interessante porque lida com a questão do sentimento do aluno. Num mundo agitado como o nosso, muitas pessoas na pressa de suas tarefas do dia acabam deixando de cultivar sentimentos dos mais variados. É o que essa questão aborda. Que sentimentos o personagem teria? O primeiro sentimento muitos alunos o identificaram em uma questão anterior, o medo. Mas agora que outro sentimento o personagem estaria sentindo? Na tentativa de acabar com seu medo o personagem tenta matar as lagartixas, porém nessa tentativa uma das lagartixas não morre imediatamente, ela fica machucada. Nisso o personagem, ao vê-la deformada, para num instante e reflete apresentando outro sentimento que poderia ser arrependimento ou piedade, por exemplo. O fato é que ele, naquele momento, raciocinou sobre o que fizera. E isso foi o desencadeador da sua mudança de sentimento. O que ora fora medo passa a ser arrependimento ou culpa.

Analisando as respostas dos alunos podemos ver nitidamente que muitos não entenderam isso e apenas uma pequena parte pode ser considerada como correta. O que pode ter causado esse erro pode ser o próprio enunciado da questão, pois trouxe um sentimento, que é subjetivo e que se cada pessoa levar em conta o seu sentimento dificilmente eles serão os mesmos. Essa é uma hipótese que deve ser considerada. Por outro lado o que conta muito na compreensão textual são os indícios, as pistas que o texto traz para sua interpretação e levando em conta isso, é possível perceber que, pelo menos naquele momento, o personagem não possui mais medo, o que ele passa a ter é outro sentimento que não podemos afirmar qual, mas que no mínimo é contraditório em relação ao medo. E o que desencadeia isso está totalmente explicitado no texto.

Questão 8 - Qual o conflito existente na crônica?

Espera-se que o aluno responda que o conflito existente é o de sentimentos, pois ao machucar a lagartixa e não conseguir matá-las aquele medo inicial é transformado em outro sentimento que poderá ser piedade ou outro semelhante.

Quant.	Respostas
4	A lagartixa.
3	Do homem e da lagartixa.
2	Que ele tem medo de lagartixas e queria mata-las e acabou matando duas e poupando a vida de uma para dar sorte.
10	Medo de lagartixa.
1	O homem tem muito medo de lagartixa e enfrenta seu medo.
1	O problema foi o tal medo do narrador de lagartixas que ele mostra no decorrer da história.
1	Um problema.
1	Matar a lagartixa para acabar com seu medo.
1	O conflito que ocorreu que ele tinha nojo e pavor de lagartixas cair em sua cabeça.
1	É que ele tem de matar as lagartixas que lá existem.
1	Que ele sentiu mal por matar a lagartixa.
3	Não respondeu.
1	O conflito do homem que tinha medo de lagartixa.
1	Ele tinha medo de lagartixa passear nele de noite.
1	Matar as lagartixas de sua casa.
1	Era matar a lagartixa.
1	Ele queria exterminar a lagartixa.
1	O problema era matar a lagartixa.
1	Que ele se sentiu mal de matar a coitada da lagartixa.
2	Por causa da lagartixa.
2	Que ele sentiu mal de matar a lagartixa.



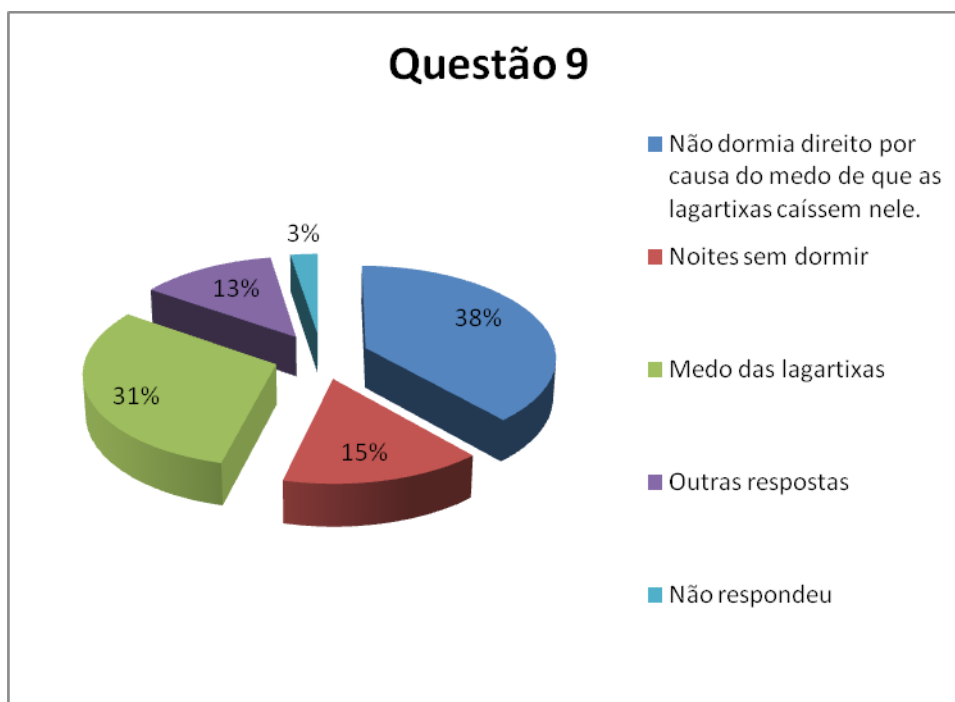
Essa questão é praticamente sequência da anterior que diz que aconteceu um fato que abalou ou modificou o sentimento do personagem da crônica. Isso desencadeou o conflito interior no personagem. Ele se esqueceu do medo por um instante e passou a refletir sobre aquele ato que fizera transformando a lagartixa numa morta viva muito machucada. O fato é que isso mexeu com ele e de alguma forma seu medo se transformou em outro sentimento que se imaginarmos a cena ou nos colocarmos em seu lugar, com um pouco de sensibilidade, poderemos até sentir o que ele sentiu ou chegarmos muito próximo e sem medo de errar afirmar que aquele medo que antes tivera ficou confundido com compaixão. E a partir disso ele não sabia qual sentimento deveria permanecer.

Observando a resposta dos alunos fica nítido que eles não entenderam dessa forma e responderam em sua maioria que o conflito tanto era matar a lagartixa como medo e pavor de lagartixas talvez entendendo ou levando mais ao conflito físico entre um ser e outro. De certo modo se analisarmos também o enunciado da questão “Qual o conflito existente na crônica” ele não direciona a resposta, mas a deixa em aberto levando o aluno a ter uma livre escolha e como é mais fácil ter uma visão do lado concreto das coisas os alunos foram levados a isso. Portanto, essa questão foi muito importante no sentido de avaliar a capacidade de abstração dos aprendizes, pois ela é muito necessária no entendimento do texto e deverá ser trabalhada para que melhorem sua capacidade de leitura.

Questão 9 - O que o personagem quer dizer com noites mal dormidas?

Espera-se que os alunos respondam que noites mal dormidas era no sentido que ele não dormia direito, pois estava preocupado com as lagartixas que estavam em seu quarto.

Quant.	Respostas
10	Porque ele não dormia com medo da lagartixa cair em cima dele.
2	Noite sem dormir.
1	Tinha insônia quando pensava em lagartixas.
2	O medo de uma das três cair ou andar em seu rosto.
1	Com medo de as lagartixas cair ou pular nele.
1	Ele não conseguiu dormir com medo da lagartixa cair no seu rosto.
1	Ele quis dizer que a mulher tinha medo de dormir, ela tinha medo de cair em seu rosto.
1	Por causa do medo delas.
3	Que ele não dormia por causa da lagartixa, ele tinha muito medo.
1	Medo de lagartixas caírem em sua cabeça.
1	Por causa do medo delas.
2	Que ele não conseguiu dormir por causa do medo da lagartixa.
1	Por causa do medo delas.
1	Por causa do receio que ele tinha.
1	Ele tinha medo de dormir.
1	Por causa da lagartixa em cima do telhado.
1	Ele ficou com medo das lagartixas.
1	Que ele não dormia quase nada ou não dormia.
1	Noites sem sono, sem fechar os olhos.
1	Que ele tinha medo de lagartixa.
2	Noites sem sono, noites em claro.
1	Não respondeu.
1	Aparecia uma pessoa no seu ombro falando.
1	Tinha uma lagartixa ficava em cima dele quando iria dormir.



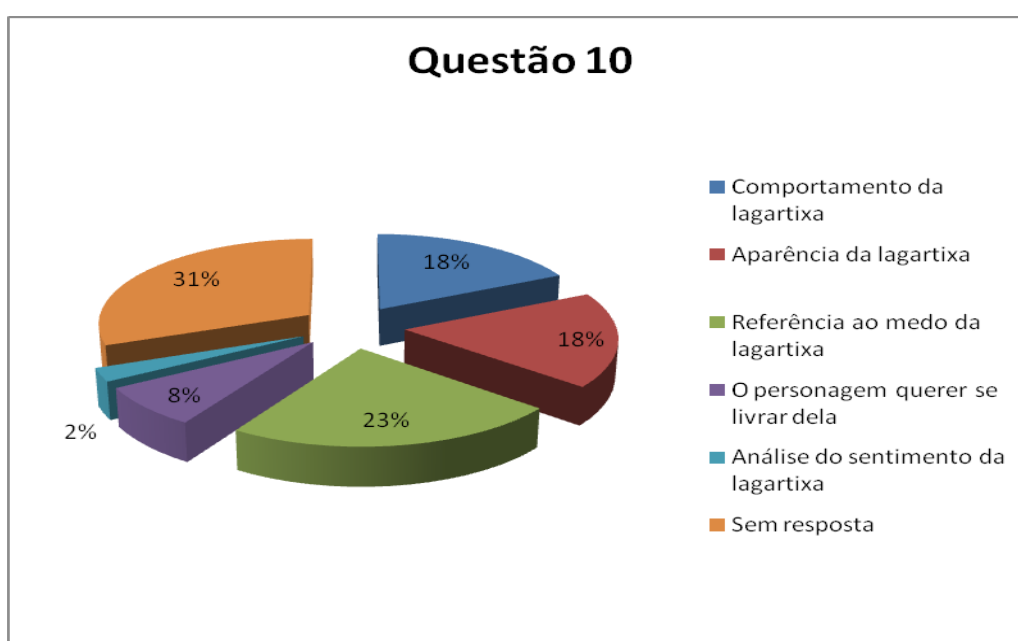
Muitos alunos conseguiram responder o esperado. Isso talvez se deva a esta expressão “noites mal dormidas” ser de seu conhecimento prévio ou que eles responderam baseados apenas no que está escrito não levando em consideração sua aplicação prática. De uma maneira ou de outra, o que importa é que eles conseguiram responder adequadamente a questão sem fugir do contexto. Alguns tiveram o cuidado de justificar que era o medo que as lagartixas caíssem nele enquanto dormia e outros responderam somente que não dormia por medo das lagartixas.

Questão 10 – Por que o narrador diz que teve a impressão que a lagartixa fremia de horror?

Espera-se que o aluno tenha um conhecimento prévio de que a lagartixa emite um som em algumas ocasiões e que ele faça a associação desse som com perigo de morrer que ela está correndo. Então pode - se dizer que ela fazia esse som por estar acuada e por isso já sabendo do seu destino ele emitia o som.

Quant.	Respostas
5	O medo que ela tinha dele.
4	Ela ficou assustada ao ver aquela ação dele a ação de covardia.
2	Porque está rastejando no rodapé do apartamento.
2	Porque ele queria matar elas.
1	Porque ele tem medo de lagartixa e a lagartixa tem medo dele então quando

	ele decidiu matar as pobrezinhas elas ficaram com medo dela.
2	Por ter cortado o rabo dela.
1	Por causa dos olhos arregalados da lagartixa.
12	Sem resposta.
1	Porque ela se escondeu atrás do móvel e também deve que ficou com os olhos arregalados e cara de medo.
3	Porque ele viu a lagartixa tremer de medo.
3	Por medo de ser morta.
1	Que ele sentiu a dor e o medo de morrer da lagartixa.
1	Livrá-las de cair na cara dele durante as noites.
1	Por causa de sua aparência.



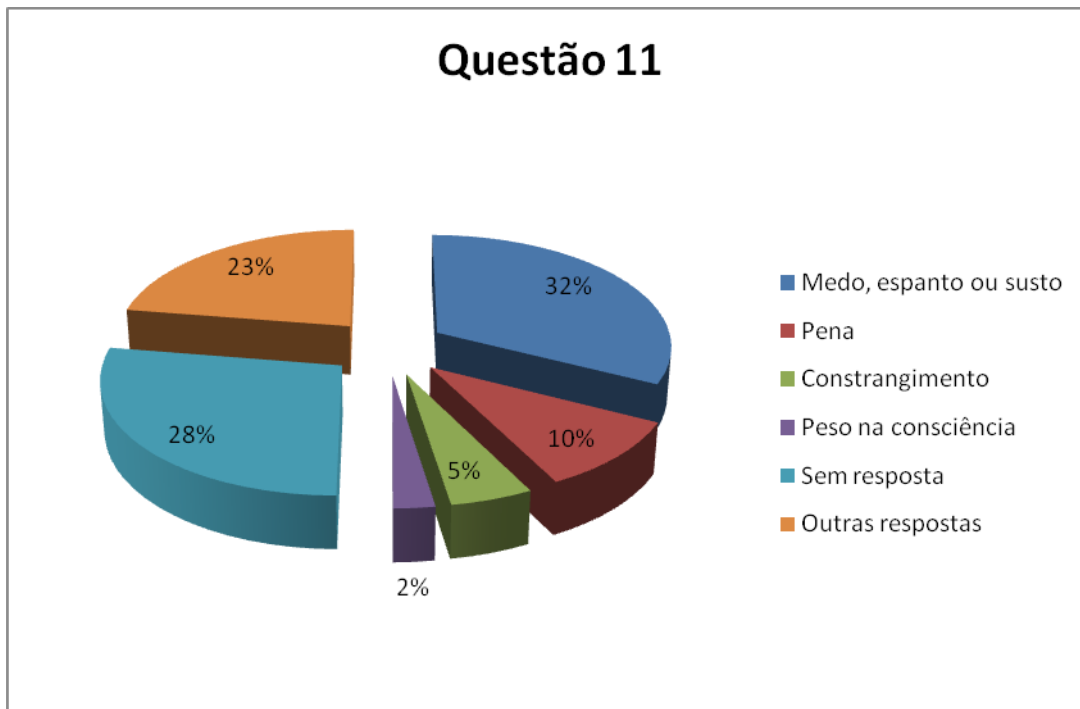
Essa questão testava a habilidade de inferir uma resposta através da observação da atitude da lagartixa, mas pelo desconhecimento da palavra fremia, que segundo o dicionário Houaiss significa soar ruidosamente, e segundo o dicionário Aurélio significa estremecer, agitar-se a resposta dos alunos ficou prejudicada. Pois o significado não lhes foi oferecido pelo texto nem em vocabulário a parte. Essa é uma provável hipótese para explicar porque os alunos não conseguem respondê-la corretamente. Por outro lado, se os alunos usassem o seu conhecimento de mundo, pensando que muitos animais ou todos quando se sentem acuados costumam emitir determinado som para amedrontar ou mesmo afugentar ou contra-atacar seus agressores poderiam perfeitamente acertar a questão sem saber o significado, além disso, a lagartixa levou uma “cacetada” com o

cabo de vassoura, e é muito provável que ela estremeça de dor se ele não morrer instantaneamente.

Questão 11 - Qual o sentido da expressão “veio um frio ruim na espinha”?

Espera-se que os alunos respondam que essa reação do organismo seja devido a um susto, um medo ou algo semelhante.

Quant.	Respostas
1	Medo da lagartixa pular nele.
4	Que ele sentiu pena da lagartixa.
2	Por ele ter matado elas à toa.
2	Ele ficou espantado com a lagartixa porque pensou que ela estava morta.
1	Porque ele via ela gemendo de medo.
2	Que ela estava com a espinha machucada.
1	Porque ele tinha pensado que estava morta e ela deu um pulo e ele assustou.
2	Uma sensação constrangedora.
3	Foi o susto que ele teve.
1	Medo, horror, suspense.
1	Quer dizer medo e espanto.
2	Porque ele teve nojo da lagartixa.
2	Um medo muito forte.
1	A consciência pesou.
2	Ele sentia calafrios.
1	Veio um calafrio na espinha, quer dizer medo e espanto.
1	Porque ele estava com medo dela.
11	Sem resposta.



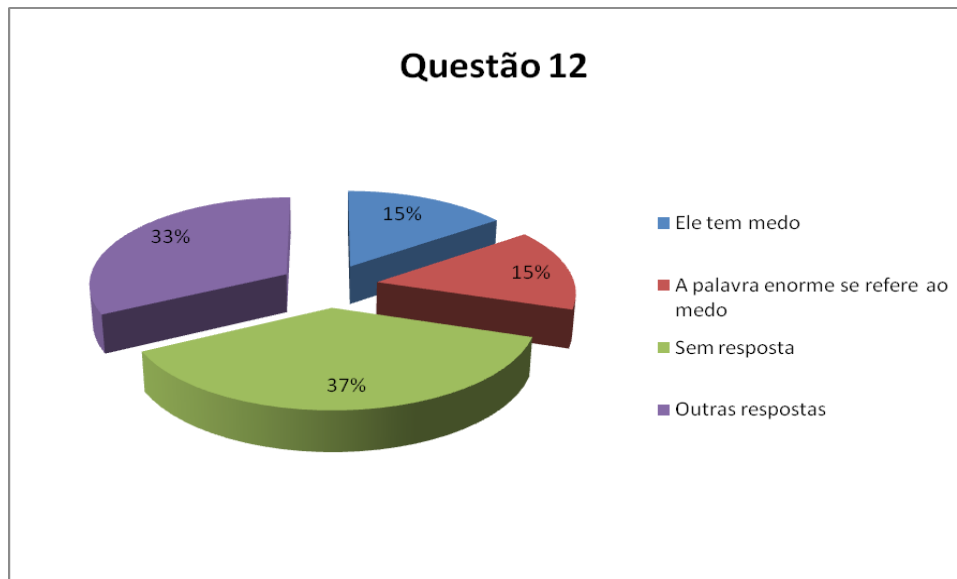
Essa questão me chamou bastante a atenção ao analisá-la, pois mostra que os alunos voltaram ao texto para tentarem explicá-la.

A expressão mencionada no enunciado refere-se a um estado físico ou emocional vivenciado pelo personagem. Colocada a expressão em nosso conhecimento de mundo ela não teria um único significado uma vez que sentir um frio ruim na espinha poderia equivaler a um frio na barriga. E o “frio na barriga” podemos sentir em diversas situações como, por exemplo, apresentar um trabalho a frente de uma banca examinadora, descer uma ladeira inesperadamente ou mesmo levar um susto. E os alunos não utilizaram desse conhecimento. Eles se valeram do texto, baseando-se no 5º e 6º parágrafos que dizem que o personagem ficou surpreso pelo pulo que a colocou de novo, toda estragada, na posição normal e que ficou menos emocionado. Esse frio na espinha então poderia ser uma emoção, um susto, uma surpresa, um mal estar ou medo. Apesar de a resposta ter sido adequada e os alunos demonstrarem que sabem buscar a resposta no texto isso mostra também a necessidade de ensiná-los a se desprender mais do texto uma vez que em muitos outros textos necessitarão não só do que vem explicitado no texto, mas também do implícito e de serem capazes de fazer deduções.

Questão 12- O autor usa os termos três enormes que é um aumentativo, mas na sequência usa um diminutivo lagartixinhas. Por que ele usa esses dois termos diferentes?

Espera-se que o aluno responda que apesar das lagartixas serem pequenas, pois ele as chama de lagartixinhas, a relação que elas têm com o seu medo as transforma em enormes. A palavra lagartixinha se refere ao tamanho delas e quando ele diz enormes, ele está relacionando as lagartixas ao seu medo, seu medo é que as transforma em enormes.

Quant.	Respostas
6	Porque ele tem medo delas. O homem que tem medo de lagartixa
1	Porque ele tem duas lagartixas.
1	Quando ele fala no aumentativo tem medo, elas parecem assustadoras e no diminutivo não.
1	Que as três ficaram juntas parecendo ser grandes, mas elas eram pequenas.
1	Porque no começo tinha as maiores e depois apareceu as pequenas.
3	Porque para ele o medo era tão grande que elas pareciam gigantes.
1	Porque tem duas lagartixas.
1	Significa que eram apenas duas lagartixas pequenas.
1	Devido ao jeito de falar.
1	Ficou apavorado porque falou três lagartixas.
1	Porque as três sempre ficavam juntas, mas na realidade eram pequenas.
1	Porque no começo tinha as maiores e depois apareceu as pequenas.
1	Porque ele ficou apavorado e falou três enormes lagartixas.
1	Porque ele fala esnobando.
1	Porque ele tinha medo, então para ele eram enormes, mas as lagartixas são pequenas.
1	Que as três ficavam juntas, mas as três eram pequenas.
1	Para quem tem medo elas eram enormes, mas para quem não tinha elas eram minúsculas lagartixas.
15	Sem resposta.
1	Porque ele acredita que as lagartixas da casa dele fossem enormes e a que o menino brincava era pequena.

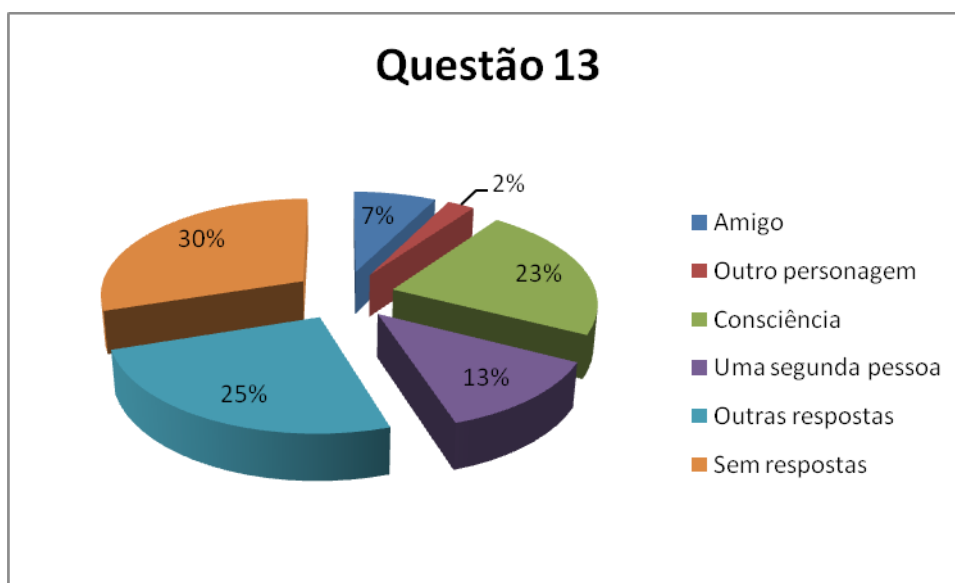


Aqui temos duas hipóteses. Quem gosta de um bom causo sabe que exagerar pode ser um recurso para explorar o acontecido, seja verdadeiro ou fictício. Olhando por esse lado podemos ver que o personagem pode estar utilizando disso para enfatizar seu medo por lagartixas, apesar de o texto não ser um conto. Sendo isso até uma pista para descobrir que o contador está mentindo. Mas isso não é o caso do nosso texto. Outra hipótese que acho mais provável é que as pessoas quando sentem medo geralmente têm o costume de aumentar o que sentem para talvez provocar em seu interlocutor o mesmo sentimento. Causar um impacto mais forte no seu interlocutor e talvez até o faça sem perceber. Provavelmente seja o que aconteceu com o personagem, ele usou a expressão “enormes lagartixinhas” para possivelmente se referir ao tamanho de seu medo em relação às lagartixas que eram pequenas. E foi o que uma pequena parte dos alunos também pensou e responderam se referindo ao medo que o personagem sentia. Mais da metade dos alunos não entenderam isso. Os que não responderam, que foi um número muito grande, talvez tenha sido pela falta de tempo para respondê-la já que foi estipulado um tempo para que concluíssem a atividade. Os que deram outras respostas parecem que não compreenderam o que lhes foi perguntado, pois apresentaram respostas sem fundamentos como, “Porque tem duas lagartixas”.

Questão 13 - Leia a expressão: “quando alguém, lendo por cima do meu ombro, corrigiu a minha ignorância”. Quem você acha que é esse alguém que chegou?

Espera-se que ele diga que é uma pessoa porque o pronome alguém infere isso.

Quant.	Respostas
3	Algum amigo dele.
1	Um outro personagem desconhecido.
9	A sua consciência.
6	A lagartixa.
1	Porque ele falou que a lagartixa dava sorte.
3	Uma segunda pessoa.
1	Falou que a lagartixa dá sorte.
1	Porque ele ficou com dó.
1	Olhando por cima do ombro.
12	Não responderam.
2	Sua mãe.

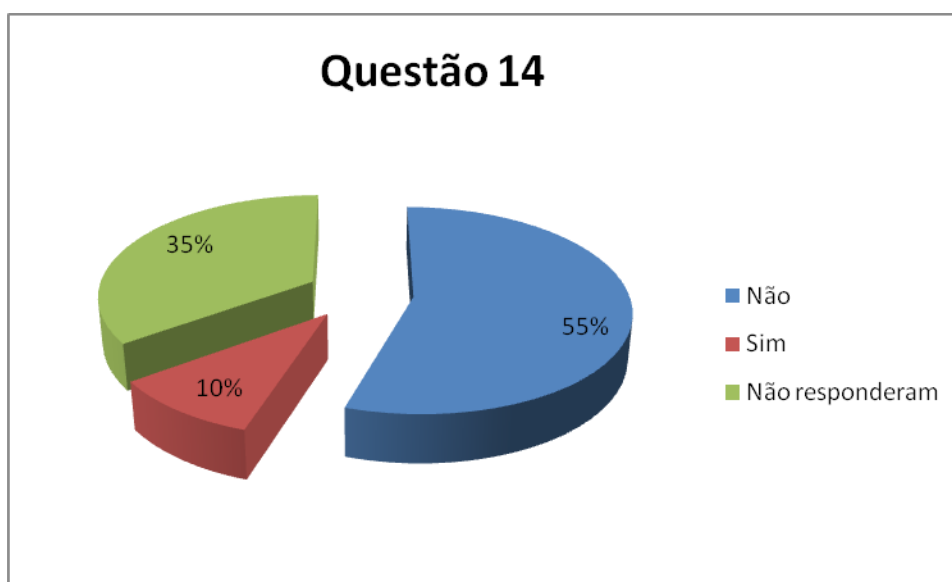


O texto traz um pronome indefinido alguém para se referir a quem chegou. Como não se define quem e o texto não informa se o personagem é casado, mora com a mãe ou com outras pessoas há aqui uma possibilidade de mais de uma resposta desde que não seja algo que seu sentido não possa ser incluído no texto. Há possibilidade até de se pensar numa resposta mais subjetiva, mas é claro em segundo plano, pois o fato de indefinir com o pronome alguém, deixa claro que é uma pessoa. Sendo assim tanto respostas como amigo, mãe, uma pessoa, podem ser aceitas, pois se encaixam no sentido que o texto quer transmitir.

Questão 14 - Você concorda com a ideia dessa pessoa de que lagartixa dá sorte? Por quê?

Espera-se que o aluno responda que não porque o texto não traz nenhuma evidência de que a lagartixa dê sorte.

Quant.	Respostas
5	Não.
2	Não, porque não tem nada a ver
2	Sim, porque eu também tenho medo.
1	Não, lagartixa para mim não dá sorte.
1	Não, ela só fez isso porque ela viu que a lagartixa não faz nada.
1	Não, porque nem todas as pessoas tem sorte assim.
2	Não, porque lagartixa é muito nojento.
1	Sim, porque algumas vezes eu tive sorte.
1	Não, eu nunca ouvi falar.
1	Sim, porque elas são dóceis e ajudam a gente a nos livrando dos mosquitos.
3	Não, porque não acredito nessas coisas.
3	Não, pois é um animal.
1	Não, porque tem muita.
14	Não responderam.
1	Não, porque quando eu tinha dez anos acreditava e acabei descobrindo que não existe.
1	Não, porque lá em casa é cheio e nós não temos sorte nenhuma.



A resposta de vinte e dois alunos representando 55% correspondeu a expectativa, pois conseguiram se posicionar frente a questão porém, não conseguiram se justificar adequadamente. Outros quatro alunos, 10 %, responderam que sim. Já quatorze alunos, 35% dos pesquisados não responderam à questão. Acho que seria

arriscado afirmar que esses últimos não conseguem se posicionar uma vez que responder se a lagartixa dá ou não sorte é uma coisa, já justificar fica meio complicado.

Dos que responderam que sim o curioso é que um deles justificou dizendo que algumas vezes teve sorte. Não sei se ele falou a “verdade” ou respondeu apenas por brincadeira, mas dá para ficarmos pensando, que tipo de sorte uma lagartixa daria?

O que queremos dizer é que, responder um sim ou não, sem compromisso é bem mais fácil que justificar, ainda mais nesse caso, justificar a sorte que a lagartixa dá ou a sorte que ela não dá.

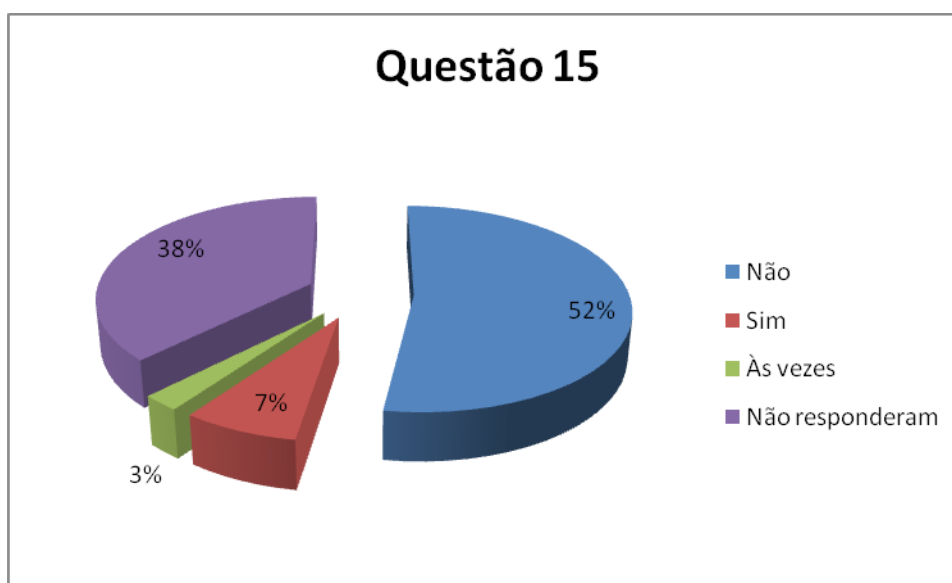
Uma hipótese do acontecido está no enunciado, pois se apenas tivesse pedido uma posição ao invés de justificar, os alunos que responderam que não, talvez tivessem se posicionado em relação a questão.

Questão 15 - Você teria a mesma atitude do personagem do texto e mataria a lagartixa? Por quê?

Espera-se que aluno responda de maneira pessoal, mas que leve em consideração os seus princípios e valores.

Quant.	Respostas
3	Não, porque elas são inofensivas.
2	Não, porque elas merecem viver.
1	Não, lagartixa só animal, traz sorte.
1	Não, porque é uma covardia.
1	Não, elas comem muito bicho nojento.
1	Não, não tenho medo de lagartixas, não teria motivos para matá-las.
1	Não, porque elas não faz mal a ninguém.
1	Não, eu tentaria colocar ela pra fora.
1	Não, porque está estragando a natureza.
1	sim, porque não tenho coragem de matar ela.
1	Não, porque se eu tivesse medo meu medo tomaria conta de mim e não teria forças para matá-la.
1	Não, pois eu não tenho medo de lagartixas.
1	Não, pois elas são pequenas e eu sou grande e elas não faz nada de mal.
1	Não mataria e sim espantava ela para fora de casa.
1	Não, eu tenho dó.
1	Não.
1	Sim, porque lagartixa é nojento.
1	Sim, porque eu não gosto de lagartixa.
1	Não, não tenho medo.
1	Não, porque elas não fazem mal a ninguém.

15	Não responderam.
1	Às vezes, porque eu não gosto e tenho dó.
1	Não, porque lá em casa tem muitas.

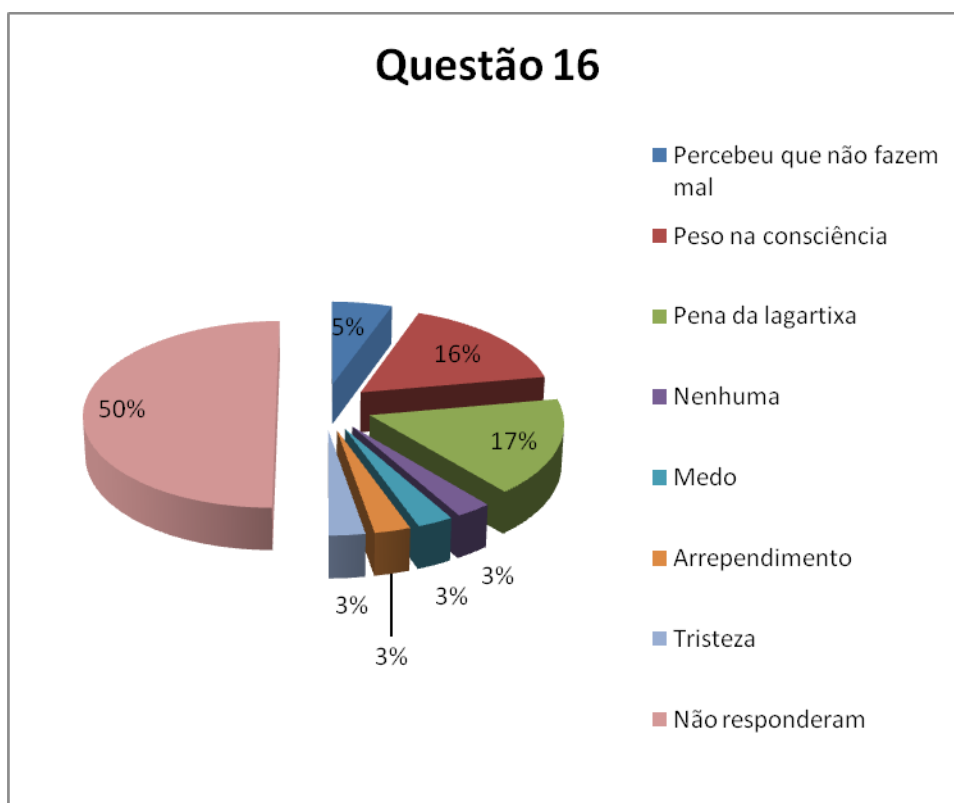


Entre os alunos que responderam “Não” há uma grande quantidade que levaram em conta os seus princípios e valores e se referiram a natureza, ou que elas não fazem mal ou simplesmente porque é covardia matar os bichos indefesos. Dentre os que disseram sim justificaram que não gostam ou que o bicho é nojento. Os que não responderam que somam 15 alunos, 38% do total pesquisado, adotam uma atitude preocupante, pois precisam conseguir se posicionar, e que nesse caso seria simplesmente escolher entre duas alternativas e justificar. Isso deverá ser trabalho, pois quando forem escrever necessitarão de tomar uma posição para expressarem suas ideias. E isso vai além da escola, é válido também no campo profissional em que muitas vezes a tomada de uma posição é que nos faz crescer e enxergar coisas novas. Outra hipótese para os alunos não responderem a questão foi mesmo a falta de tempo para a resposta. Porém isso não pode ser muito considerado porque mais da metade dos pesquisados responderam em tempo.

Questão 16 - Que consequência a morte da lagartixa trouxe para o personagem?

Espera-se que o aluno perceba que apesar da sua confusão de sentimentos o ocorrido trouxe uma consequência boa, pois fez com que ele diminuísse seu medo pelas lagartixas.

Quant.	Respostas
6	Peso na consciência.
6	Pena da lagartixa.
1	Nenhuma.
1	Ter matado um ser da natureza.
1	Se ela me der sorte lhe pouparei a vida.
4	Que elas não fazem mal a ninguém.
1	Ele parou e ficou com medo dela.
1	Arrependimento.
1	Tristeza.
18	Não responderam.



O texto no seu último parágrafo apresenta uma inferência explícita quando diz “No tocante à sorte, quero dizer que o extermínio das duas inocentes parece que me ajudou muito a libertar-me do medo”. Se os alunos se tivessem uma leitura mais atenta ou tivessem lido novamente o texto poderiam ter notado esse trecho que os ajudaria a responder a questão. A morte da lagartixa trouxe até consequência positiva, pois de certo modo seu medo diminuiu ou terminou. Os alunos, porém se referiram a outras partes do texto como medo que aqui já não existe mais e também arrependimento que já

não se pode falar, pois o personagem até se sente melhor. Agora o que é bastante preocupante é a grande quantidade dos que não responderam ficando uma incógnita. Será que também não tiveram tempo? Ou será que não compreenderam? De qualquer forma é mais um ponto importante a ser trabalhado.

Observações sobre as respostas da crônica “lagartixa”

O que ficou bastante evidente nas respostas dos alunos é que a maioria teve um pensamento fixo no medo que a personagem tem de lagartixas. E isso foi explicitado em praticamente todas as respostas.

Outra parte que também é interessante para a análise deste trabalho é que os alunos sempre buscaram palavras no texto para responder as questões, mas não inferiam a partir delas. **Além disso, muitos alunos não conseguiram utilizar do conhecimento de mundo e do conhecimento prévio para que pudessem inferir as informações devidas e compreender o texto.**

Alguns enunciados não foram entendidos pelos alunos que acabaram se atrapalhando e fizeram com que respondessem inadequadamente ou ficassem sem responder.

Pode-se notar também que questões que necessitavam de dedução para serem respondidas, **como a questão 7, os alunos apresentaram dificuldade.**

A pesquisa – 2ª Crônica

Seguindo o modelo do trabalho realizado com a primeira crônica “Lagartixa” de Paulo Mendes Campos, a crônica “Eu faço não com a cabeça” de Marina Colasanti foi utilizada para coleta dados a respeito da capacidade inferencial dos alunos do 8º ano, que são mesmas turmas pesquisadas na primeira crônica. Depois da coleta de dados, feita em sala de aula, foram elaborados gráficos comparativos e cada questão foi analisada individualmente resultando na produção de comentários com a apresentação de hipóteses tanto para os casos de acerto quanto para as respostas inadequadas e até para a falta de resposta de algumas questões.

As questões do texto seguinte foram retiradas do livro Palavras e Ideais e algumas sofreram algumas adaptações para se adequarem a pesquisa. Já outras questões foram praticamente as mesmas uma vez que atendiam ao propósito dessa pesquisa.

Crônica 2

Eu faço não com a cabeça

O homem se aproxima no ponto de ônibus. Tem um papel na mão, lista, receita, não sei. Fala coisas que não entendo. Evito olhar o papel, evito olhar para ele, querendo afastá-lo com meu desinteresse. Quando percebo que quer dinheiro faço que não com a cabeça. E continuo fazendo não até que ele se afasta.

Moça, chama-me o chão. Não é o chão, é uma pessoa acorçada junto à parede. Estou com pressa, respondo sem falar.

Não quero que limpem meu vidro. Não preciso de canetas esferográficas. Não vou comprar loteria hoje, o bilhete caído não é um apelo da sorte, é uma malha a mais na vasta rede.

O umbigo ainda pendente, o bebê mole no calor, largado no colo da mãe, ao nível dos meus pés. Se eu comprar uma lata de leite em pó ela não terá água filtrada, não terá mamadeira, não terá nada para usar o leite. Então não compro.

Traço a cidade na reta dos meus passos, na fuga a tantas mãos. Mas é difícil andar neste Pátio dos Milagres, porque me falta uma perna. E é difícil enxergar, porque me falta olho. No Pátio da Cidade só quero descansar de tudo o que me falta.

[...]

Vou eu no corredor das ruas.

Boa noite, sorrio para o porteiro da boate que me abre a porta.

Obrigada, sorrio para o chofer do táxi que me leva.

Até amanhã, despeço-me do maître que me serviu o jantar.

Eu tão gentil.

— Moça?... a senhora podia...

— Não posso

— ... dizer onde fica a "Praça XV"?

As mulheres, todos sabem, alugam criancinhas para pedir esmolas na rua. Então não dou esmola para as mulheres, que espancarão os meninos porque nada ganharam.

E as criancinhas, todos dizem, são pivetes em potencial. Então não dou esmolas, para que prossigam.

O cego vende lixas de unhas que não compro porque corto com tesouras. E lâminas de barbear que não compro porque não tenho barba. E agulhas de costura, que não compro porque não são da marca que me agrada. Ou não vende nada, e não dou dinheiro, porque todo dia passo por ele e se eu der dinheiro todo dia não há dinheiro que chegue.

Alô? Aqui é do Orfanato, será que a senhora poderia...

Alô? Aqui é do Asilo, quem sabe, a senhora poderia...

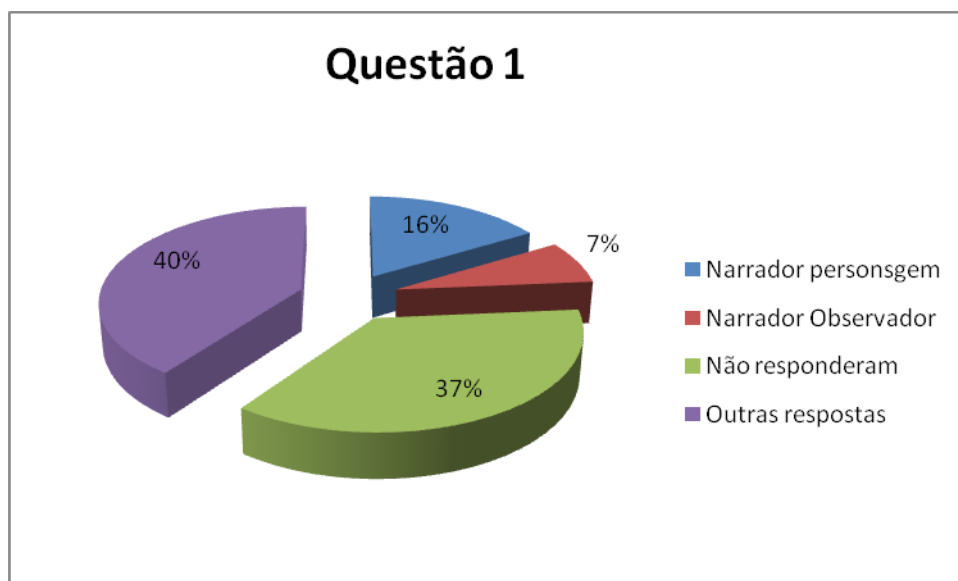
Não posso. Não estou. Fecha a porta. Não atende. Madame está viajando. Aqui não mora ninguém com esse nome. Não viu o aviso na porta? Cuidado com o cão. Fale com o porteiro. Deixe recado. Passe outro dia.

O homem vem a mim no ponto de ônibus. Desvio o olhar fingindo que não estou com medo. Ele me olha e pede, sabendo que não vou dar, porque estou com cara de quem não vai dar. E eu faço não com a cabeça. E eu o odeio por me levar a fazer não. E não. Faço não. Não. Com a cabeça.

Questão 1 – Depois de ter lido o texto atentamente, escreva sobre o foco narrativo do texto.

Espera-se que o aluno responda que o narrador é um narrador personagem porque além de contar ele também participa da história e que sendo narrador personagem a visão dele é interna do texto, ou seja, o texto está escrito em 1ª pessoa.

Quant.	Respostas
2	O foco narrativo do texto é que ele sempre fazia não com a cabeça para todas as pessoas e a história conta sobre isso e também sobre o que ele fazia no dia a dia.
1	É o jeito negativo da mulher porque tudo dela é não.
4	O homem chega no ponto de ônibus com um papel na mão e a personagem acha estranho.
1	A pessoa que tem um problema no texto.
1	Crônica.
1	Esse texto sugere acontecimento em ordem cronológica.
1	O foco narrativo fala sobre um homem.
1	Narrador indireto.
1	Um homem ver tudo de ruim na cidade e de bom raramente.
1	O foco narrativo conta a história de um homem.
1	O foco narrativo de um texto era de um homem.
9	Narrador personagem.
1	O foco narrativo do texto era um homem que não fazia com a cabeça.
4	Narrador observador.
1	O homem era um cara que não dava esmolas.
20	Não respondeu.
1	Que um homem estava pegando um ônibus e se aproxima dele um estranho.
1	Sobre ricos e mendigos.
1	É sobre falar não para as pessoas.
1	A mulher não podia falar não porque estava ocupada por isso ela mexeu a cabeça.
1	Traço a cidade na reta dos meus passos.

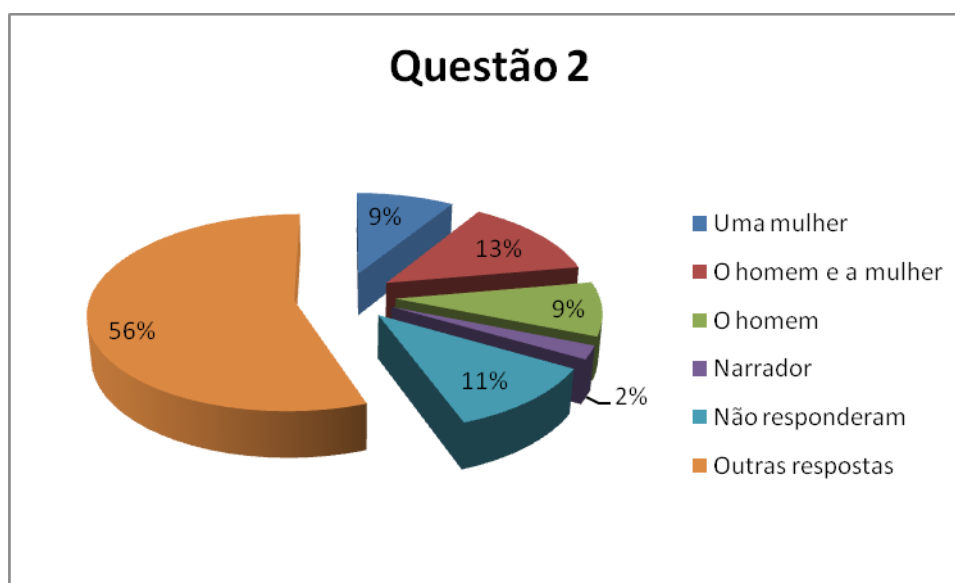


A questão tinha por objetivo verificar se o aluno tinha conhecimento de que há um narrador – uma pessoa que conta a história – e que essa pessoa pode ou não participar da história. No caso específico desse texto quem conta a história também participa. Porém alguns alunos não entenderam isso apesar de já terem estudado na série anterior e este ano novamente reverem. Vinte alunos não responderam representando 37% dos pesquisados como se vê no gráfico e os outros responderam como narrador observador e outras respostas sem base textual. Uma hipótese das respostas inadequadas talvez seja o início do texto que começa com terceira pessoa. Contudo acho que com um pouco mais de atenção e outras leituras mais atentas do texto poderia fazê-los perceber que o narrador é personagem do texto, pois em várias passagens como no segundo e terceiro períodos e em várias outras também fica perceptível que o narrador participa. Voltamos a reiterar que os alunos têm uma grande dificuldade de leitura e principalmente de voltar várias vezes ao texto em busca de pistas para ajudá-los a compreender. Acham que somente com uma única leitura ou lendo só algumas partes poderão compreendê-lo. É uma questão que deverá ser muito trabalhada durante o ano. Outra hipótese que possa ter dificultado a identificação do narrador é o próprio enunciado da questão que a exemplo das questões 1 e 2 da crônica “Lagartixa” procurava testar essa mesma habilidade, com uma única e crucial diferença, resumida numa única questão e usando uma terminologia diferente. No texto “Lagartixa”, tivemos respostas adequadas em 35% dos casos na questão 1 e 40% na questão 2 contra 7% nesta questão de número 1 que pedia a mesma habilidade.

Questão 2 - Qual (quais) é (são) o(s) personagem(s) do texto?

Espera-se que os alunos respondam que é a moça que conta a história que é sua personagem. Além disso, há a personagem que pergunta onde é a praça XV.

Quant.	Respostas
1	As criancinhas, a mulher, homem e a mãe.
1	Maître, porteiro, bebê, o homem, maça.
4	Uma mulher.
11	Moça, homem, porteiro, mulheres....
1	Moço, bebê, menino....
6	O homem e a moça.
4	O homem.
1	A mulher, os moleques e o homem.
1	Um homem e o bebê.
5	Narrador, o porteiro e as pessoas da rua.
1	Narrador.
1	O homem e os mendigos.
2	Homem, porteiro, chofer, mulher, moça.
1	O homem do ponto de ônibus e a moça.
1	Não respondeu.



Na crônica predomina o discurso indireto, somente a fala do narrador contando como e quais pessoas chegaram até ele e que em seu pensamento ela imaginava que todas lhe pediriam alguma coisa. E para fazer isso a autora estruturou o texto iniciando-

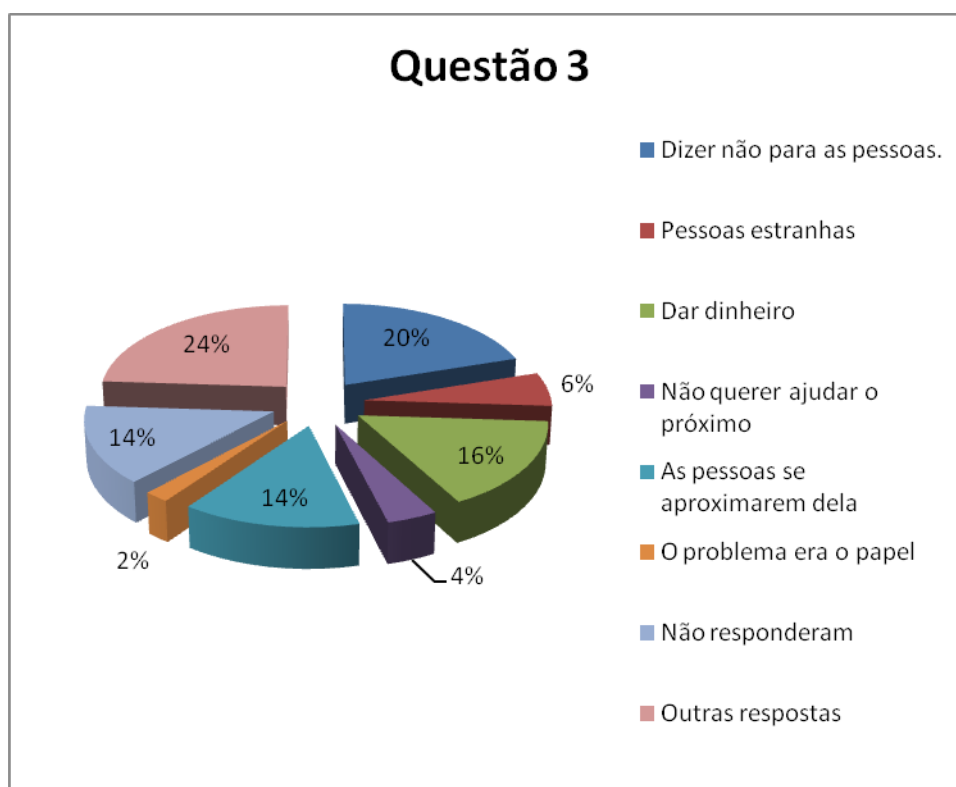
o com terceira pessoa, mudando para primeira logo no terceiro período e no segundo parágrafo fala pelo personagem. A autora utiliza essa estrutura em todo o texto com exceção dos parágrafos 11º, 12º e 13º. Com isso os alunos ficaram confusos e acabaram dizendo que existem vários personagens, os mais variados como o chofer, o homem, o maître e até o bebê. Outra hipótese que também deve ser levada em conta é o próprio enunciado da questão que já colocava em dúvida o aluno sobre a existência ou não de vários personagens.

Questão 3 – Todo o enredo da crônica se desenvolve ao redor de um problema. Que problema é esse?

Espera - se que o aluno perceba que o problema é a situação de miséria e de indignância (exclusão social) que estão submetidos milhões de pessoas.

Quant.	Respostas
1	O problema é que ele sempre dizia não para todo mundo.
1	A dificuldade que o homem passa em casa.
7	Sem resposta.
2	A moça acha que as pessoas são estranhas.
1	A moça acha o homem estranho.
1	O problema é uma pessoa que não tem condição e precisa de ajuda e esse é o problema.
1	O dinheiro.
1	O problema de dar dinheiro.
1	Uma mulher rica que não quer ajudar o próximo.
1	Resolver tudo rápido.
1	Que tudo da mulher era dizer não.
1	Que as pessoas pensam que ele está pedindo dinheiro.
1	O problema do homem.
1	O problema é que ele faz tudo sem noção, tipo não pensa usa a cabeça em posição defensiva, neurótico.
1	A moça não abre mão de seu dinheiro para quem pede, mas fica com dúvidas disso.
2	Da moça muito egoísta e que só diz não com a cabeça.
1	Que as pessoas sempre se aproximam dela.
1	Ela não comprar nem ajudar ninguém.
1	Dele não saber fazer não com a cabeça.
1	O problema de falar não para o homem.
1	Que o homem é muito mesquinho.
1	Uma folha de papel, dizer não com a cabeça.
1	De dar dinheiro.
1	O homem fica pedindo esmolas e a moça não dá dinheiro.
1	Que ele só sabe balançar a cabeça.
1	Uma moça lhe falta tudo.

1	Que ele poderia ser um mendigo sem perna e olho.
1	Do homem não fazer nada com a cabeça.
1	Ele fazia não com a cabeça para todo mundo.
1	Por causa de um homem que fazia não com a cabeça, ele está com medo no ponto de ônibus.
1	O problema é que ele não consegue dizer não para as pessoas sem se sentir mal.
1	Que ele não quer dar dinheiro ao homem.
2	Era o papel, receita, não sei.
1	O problema é que a moça ignora todo mundo.
1	O medo que a mulher tem das pessoas.
1	O problema são as pessoas que pedem esmola para a moça.



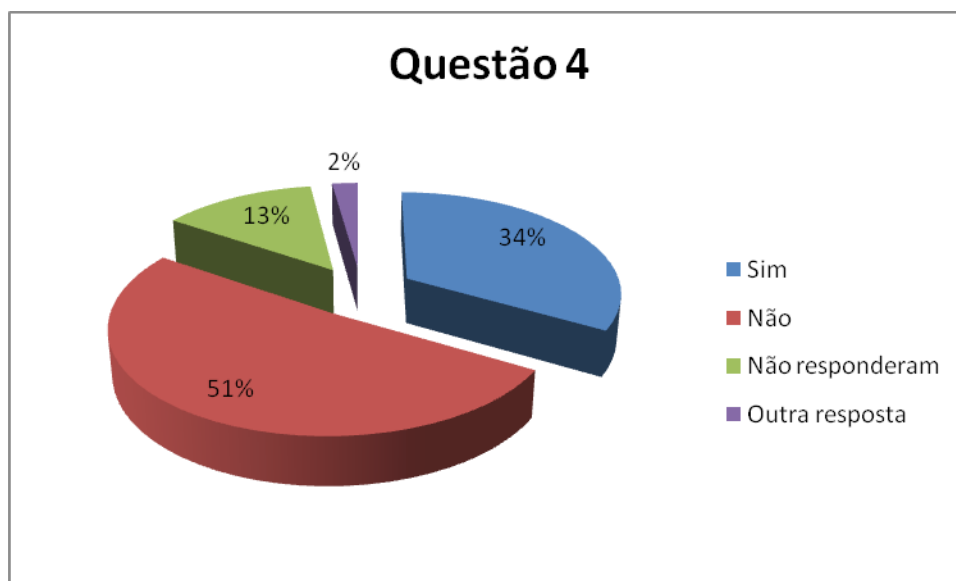
Apesar de o enunciado falar em um único problema que gerou todo o enredo, os alunos não entenderam assim e o tratou como vários problemas. Eles ficaram presos a problemas individuais de cada pessoa que a personagem relatou durante todo o texto e como cada uma teve um problema eles acabaram escolhendo um para a resposta. Isso prova que sabem o que é um problema, porém, não conseguiram inferir que apesar de cada indivíduo ter seu problema, todos eles se resumiam num único problema que é um problema social. Isso provavelmente se deve a falta de conhecimento do mundo e ao fato de os alunos não se atentarem para os problemas que acontecem em nossa

sociedade o que é o relatado pela personagem durante todo o texto. Outra possibilidade pode ser a falta de conhecimento mesmo da estrutura organizacional de uma crônica que ao possuir partes narrativas têm um enredo que pode ser desenvolvido em torno de um problema sendo, portanto, um texto dissertativo. E esse problema tratado individualmente pelos alunos é um problema social. Uma terceira hipótese que creio ser a mais provável é que eles detectaram o problema que gerou o enredo, todavia não conseguiram se expressar como deviam não associando o que a personagem conta com o que acontece em nossa sociedade e que sendo o problema de uma pessoa pode ser o problema de muitas outras pessoas.

Questão 4 – Ele conseguiu resolver o problema?

Espera-se que o aluno perceba que não. O problema é uma questão social que não depende somente dela para resolver. Mesmo que ela dê o dinheiro ou ajuda às pessoas, a situação delas não será resolvida. Aquilo será um paliativo para o problema é uma solução momentânea somente para se ver livre do pedido e isso não resolve todo o problema.

Quant.	Respostas
5	Sim.
1	Acho que não, porque no final sempre acaba dizendo não.
6	Sem resposta.
2	Sim, não comprando e nem ajudando ninguém.
21	Não.
1	Ele só diz, não, não e não, e não quer saber de esmolas e necessidades.
1	Consegue ajudando.
2	Sim ele resolveu.
1	Não porque ele não ajuda ninguém.
1	Sim, porque ele foi no ponto que ele ficava com medo.
1	Sim, fazer não com a cabeça, ignorar.
1	Sim, ele consegue pegar o ônibus.
1	Sim. Apenas dizendo não.
1	Sim, uma pessoa sabendo que ia falar não o pediu esmola e ele experimentou dar esmola.



Podemos dizer que a resposta a essa questão vem comprovar o comentário da questão anterior que dizia que os alunos entenderam mas, não souberam se expressar através da escrita. Eles sabem que há um problema e que esse não foi resolvido. A comprovação a isso vem na resposta de 23 alunos, 51% da total pesquisado que responderam que não. Já os que responderam que sim entenderam que o problema era individual e que ao fugir da pessoa que se aproximava isso era resolvido ou se resolvia entregando o que a pessoa pediu. Basta compararmos a porcentagem dos que não responderam na questão anterior de número três e essa de número quatro para visualizar que o número de alunos é praticamente o mesmo tanto em quantidade de alunos, sete e seis, respectivamente quanto do percentual, 14% contra 13%. Se analisarmos a legenda outras respostas surge uma diferença no percentual de 10% , quatro alunos. Com isso podemos confirmar que em média 76% dos alunos 35 alunos encontraram um problema.

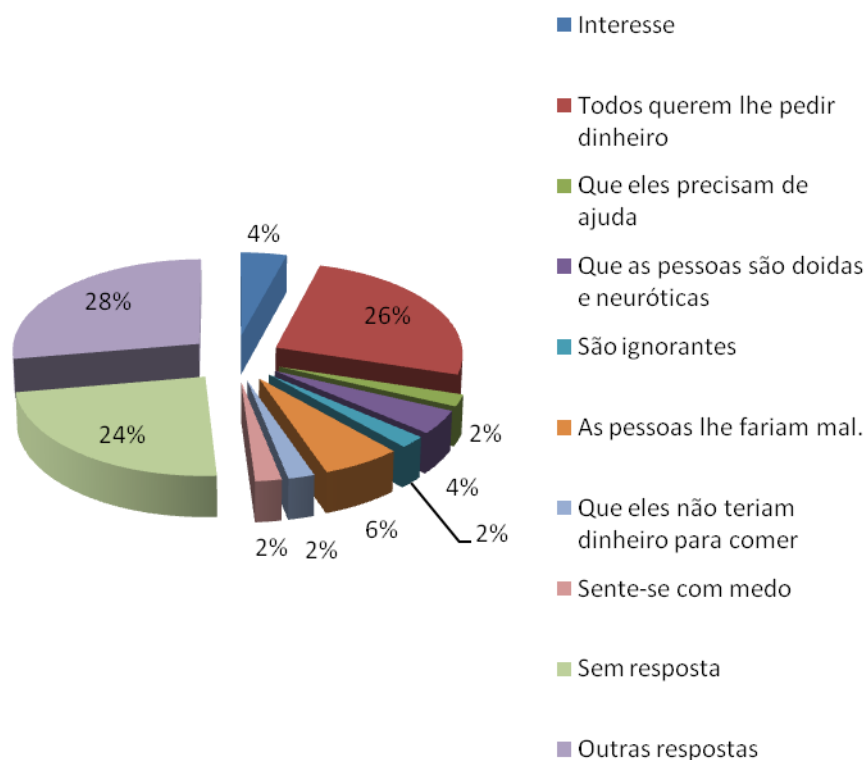
Então do total de 35 alunos, 23 responderam que o personagem não solucionou o problema e uma hipótese para isso é que os alunos conseguiram identificar o problema como sendo social e os outros 12 alunos trataram o problema como individual, de cada pessoa que o narrador citou durante o texto.

Questão 5 - Em todo o texto o personagem se coloca numa posição defensiva, meio irracional e meio neurótica em relação às pessoas que se dirigem a ele. O que a personagem pensa sobre essas pessoas?

Espera-se que o aluno note que em todo o texto a personagem pensa que todos que chegam até ela vão lhe pedir dinheiro.

Quant.	Respostas
1	Ele só não dar atenção para as pessoas que precisam, ou seja para que nada lhe faz.
11	Sem resposta.
2	Interesse
1	Que elas não quer se aproximar dela porque eles acham ele estranho.
1	É um homem.
10	Ele pensa que todos querem lhe pedir dinheiro.
1	Que eles precisam de ajuda.
1	Que são muito ignorantes.
2	Que essas pessoas são doidas, meio neuróticas.
1	Ela não liga muito, mas tente lembrar as conseqüências de ajudar e conclui que não se deve ajudar.
1	Moça, ia falar com ela, mas estava com pressa.
1	Que se ela der dinheiro ou comprar alguma coisa ela vai achar que ela estava usando as criancinhas para pedir dinheiro.
1	Que todas as pessoas dão esmola sabendo o que acontece.
1	Sim.
1	Neurótico em relação às pessoas que se dirigiam a ele.
1	Pensando que iam bater nele ou assalta-lo.
2	Ele pensava que as pessoas iriam querer o mal dele.
1	Que elas são maus e batem nas crianças.
2	Que são mendigos.
1	Que não tem dinheiro para poder comer.
1	Ela está pensando que a pergunta que eles vão fazer ela não sabe responder.
1	Se sente com medo e desprezo dessas pessoas.

Questão 5



No primeiro parágrafo do texto a personagem é interpelada por uma pessoa que lhe pede dinheiro. A partir daí ela começa a deduzir que todas as pessoas que chegam até ela querem fazer a mesma coisa, pedir dinheiro, pois se baseia no primeiro caso. Isso também é exigido do leitor no momento da leitura, que ele faça essa dedução de que a personagem deduziu que todas as pessoas querem dinheiro. É uma dedução após a outra e isso poderia até ser um tipo ou ter uma classificação inferencial a dedução da personagem deduzida pelo leitor.

Pelas respostas dos alunos é perceptível que 38%, 16 alunos conseguiram inferir, dentre os quais doze se referiram ao parágrafo do texto em que o personagem diz que o homem que se aproximou queria dinheiro. O que se destacou nessa questão foi o grande número de outras respostas e alunos que não corresponderam 28% e 24%, 11 e 13 alunos respectivamente.

Podemos falar aqui de duas hipóteses. A primeira delas está no próprio enunciado da questão em que perguntava: O que o personagem pensa sobre essas

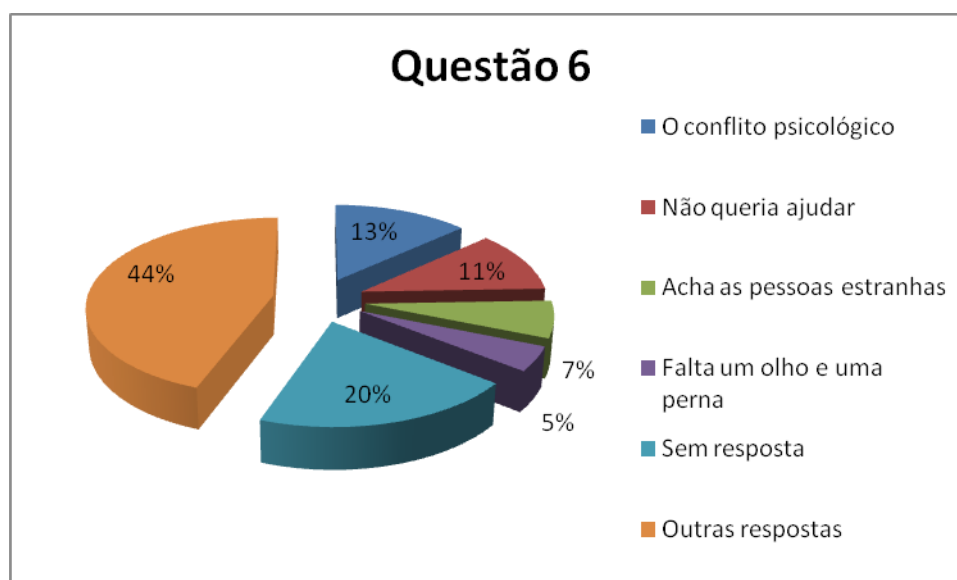
peças? E possivelmente possa ter entendido no sentido: Quem são essas peças? E acabaram respondendo que são mendigos, o que é respondido por dois alunos e de que as peças eram assaltantes, o que é respondido por um aluno. Por outro lado se a leitura tivesse sido retomada, o aluno relese o texto novamente teria a oportunidade de observar o primeiro parágrafo e ler o que a personagem diz: “Quando percebo que quer dinheiro”, e com isso ter respondido adequadamente a questão. A segunda hipótese é a de que os alunos ainda não tenham aprendido ou não tenham adquirido tal habilidade.

Questão 6 – Qual o conflito vivido pelo personagem do texto?

Espera-se que o aluno perceba que o conflito é o existente na própria personagem que apesar de dizer sempre não, isto a contraria o que é comprovado no final do texto em suas últimas linhas.

Quant.	Respostas
1	Que as peças acham ele muito estranho.
1	Seus problemas no dia a dia.
1	Eu faço não com a cabeça.
1	Todas as peças quererem que lê compre ou dê esmola.
9	Sem resposta.
1	Que ela não queria dar dinheiro para as peças pobres.
1	Ela pensa muito antes de falar a palavra não. Ela pensa as conseqüências de ajudar as peças, procura formas, mas não quer saber diz não.
1	Um conflito defensivo, neurótico que ele dirige às peças que aponta a ele.
1	A pessoa parece que ele quer dinheiro.
1	Que ele só sabe dizer não.
1	O seu problema.
1	Várias peças pedem ajuda, mas ele não quer ajudar.
1	Estão brigando.
1	O ponto de ônibus.
1	Vivia em más condições.
1	Um conflito contra o papel.
1	As peças acharem ele estranho.
1	As peças acham ela muito estranha e travada para o mundo.
1	Ela não tem uma perna e nem um olho.
1	O homem no ponto de ônibus e as peças que estão em volta dele. E a forma que ele trata as peças, quando ele tenta resolver o problema.
1	O medo das peças.
1	O conflito que a personagem não gosta de ajudar as peças.
1	De não querer dar o dinheiro para o homem.
1	De ter medo de dizer não.
1	Ninguém ajuda ele em nada.

1	Vivendo nas ruas.
1	Todos pedirem dinheiro para ele.
1	Dizer não com a cabeça.
1	De uma pessoa querer uma coisa e você dizer que não.
1	Falta de respeito.
1	Ele evita olhar o papel.
1	A de ser roubado, apanhado.
1	Que ele não tinha uma perna e falta um olho.
1	Que ele não consegue andar porque não tem uma perna e é cego de um olho.
1	Ele se acha muito importante.
1	Sobre o homem que não quer saber sobre o outro que chegava perto dele.
1	O conflito é que ele sempre fala não.



O que nos chama a atenção nessa questão é justamente a grande quantidade de alunos com outras respostas e os que não responderam. Os dois juntos passam dos 60%. O que causou esse resultado? Será que ainda não sabem o que é um conflito? Acredito que sim, que ainda não possuem essa habilidade de verificar o conflito gerador de enredo e por esse motivo não conseguiram responder ou responder inadequadamente.

Questão 7 - Releia:

“Boa noite, sorrio para o porteiro da boate que me abre a porta.

Obrigada, sorrio para o chofer do táxi que me leva.

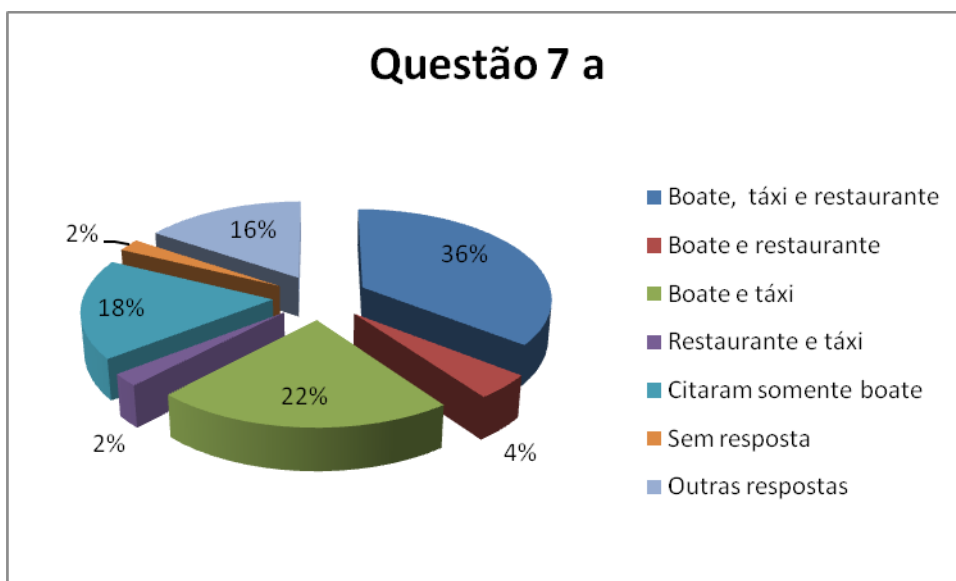
Até amanhã, despeço-me do maître que me serviu o jantar.

Eu tão gentil.

a) Através dos trechos acima é possível saber onde o personagem se encontra. Que locais são esses?

Espera-se que o aluno responda que na primeira frase ele está numa boate, na segunda num táxi e na terceira no restaurante.

Quant.	Respostas
16	Em uma boate, num táxi e no restaurante.
1	Ele estava saindo de casa e ai vai para um jantar.
1	Boate, rua e restaurante.
1	Na boate, na rua e no hotel.
2	Na porta da boate.
2	Na boate.
1	Na boate, no táxi e maître.
1	O porteiro está na portaria e o chofer está no táxi.
1	Na boate, no chofer do táxi, do maître.
1	Na boate, no táxi e em casa.
1	Na sala de jantar.
1	Na entrada da boate, na rua e no hotel.
1	Na boate, no táxi e no jantar na casa do maître.
2	Na boate. No táxi e no maître.
1	Na porta da boate e no táxi.
1	Na boate, no táxi e em algum jantar.
1	Num ponto de ônibus.
1	No hotel, no restaurante e no táxi.
1	Estava dentro do táxi indo para dentro da boate.
2	Na boate, no táxi e no jantar.
1	Num ponto de táxi.
1	Sem resposta.
1	Na boate, táxi, etc.
1	Boate e restaurante.
1	Dando boa noite e falando obrigado dentro do táxi.
1	Uma boate e depois do programa.



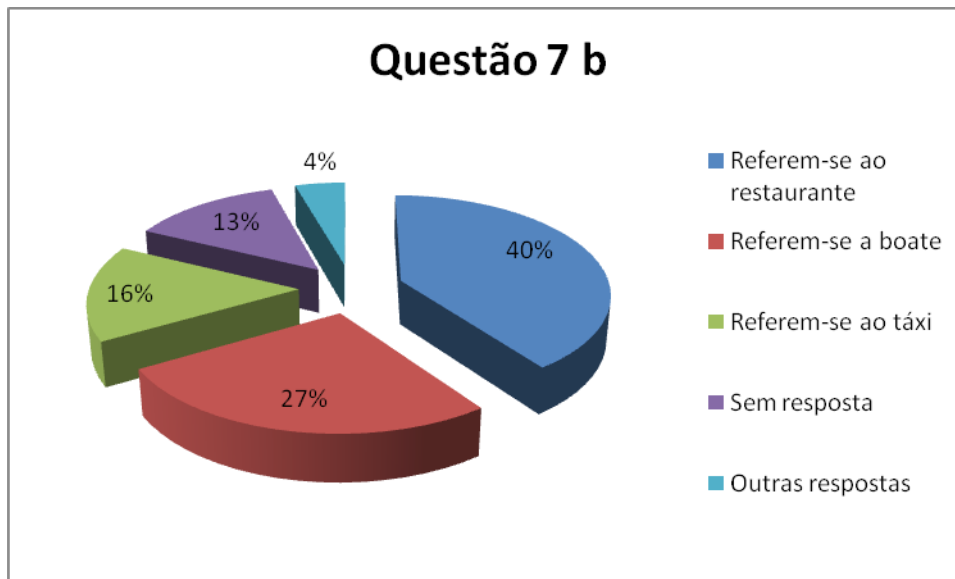
A questão apresenta três expressões e cada uma diz sobre um lugar em que a personagem esteve, não significando que foram os três seguidamente, poderiam ter sido frequentados em dias diferentes. E justamente pelo contexto pode-se afirmar que ela não esteve no mesmo dia em todos os locais, ela está simplesmente exemplificando por onde passou o que fica sugerido pela frase anterior, “vou eu pelo corredor da cidade”. Entretanto um dos alunos não fez a inferência e respondeu que estava dentro do táxi indo para o restaurante. Outros alunos 36%, 16 alunos conseguiram com êxito localizar a informação que pode ser identificada pelos elementos explícitos do texto. Um número de 10 alunos, 20%, responderam somente boate e táxi.

Uma provável causa disso é a palavra *maître* na terceira frase, ela provavelmente prejudicou a resposta, todavia os alunos poderiam ter inferido o seu significado por dedução através da palavra *restaurante* que está na mesma frase. Os que não responderam ou deram respostas sem base textual também podem ter estranhado a palavra *maître* e, por isso ter deixado de responder.

b) Qual dessas expressões deixa mais evidente que ele desfruta de ótimas condições financeiras? Explique.

Espera-se que o aluno diga que é a terceira frase, pois além de estar jantando em um restaurante, inferência que deve ser feita através da palavra *maître*, nota-se que é um restaurante fino.

Quant.	Respostas
1	Porque não tem condições financeiras não costuma andar de táxi e lotação, e também não janta fora.
1	A frase que ele despede do maitre o chefe de cozinha.
1	Nenhuma condição porque ele sorri para as pessoas para ele abrir a porta sirva o jantar e o chofer do táxi.
1	Numa boate.
1	O jantar com o maître e a boate.
2	Até amanhã despeço-me do maître que me serviu.
1	Porque ele pode ir para qualquer lugar.
1	Boa noite sorriu para o porteiro da boate que me abre a porta.
1	Quando eu faço que quer dinheiro, faço não com a cabeça.
1	Maître, porque é uma ótima condição financeira.
1	Sim, sorriu para o porteiro da boate que me abre a porta.
6	Sem resposta.
1	A que deixa evidente é a do maître que serve o jantar isso mostra que ele tem ótimas condições financeiras.
1	Despeço-me do maître que me serviu o jantar. É como se ela fosse lá todo dia.
1	Sorrindo para o chofer de táxi.
1	Restaurante, pois a comida é mais cara, pois é mestre de cozinha que prepara a comida.
1	Por ele ir a boates, restaurantes e andar de táxi.
1	O maître, o jantar é o mais caro.
1	Pelas palavras chofer, maître e pelo porteiro da boate.
1	Boate, porque nas boates.
1	Terceira frase, porque ele tem condições de ir a esse restaurante todo dia.
1	Pelo caso de andar de táxi, pois ele gostaria de andar a pé.
1	A segunda.
2	No restaurante.
1	O jantar porque pode ser um jantar importante.
1	Boa noite, despeço - me do porteiro da boate que me abre a porta.
1	Em uma boate.
3	Na boate.
1	Porque ele vai no restaurante e anda de táxi.
1	Do maître servir o jantar.
1	Próximo do restaurante.
1	Seria para o chofer do táxi que me leva.
1	A palavra chofer de táxi que me leva.
1	Até amanhã, despeço-me do maître que me serviu o jantar.
1	Sobre ele ir lá na boate em chamar seu motorista.
1	Que foi numa boate, pegou o táxi e foi janta no restaurante.



As respostas a essa questão ficaram divididas entre os que falaram na expressão que se refere ao restaurante e as outras duas que se referiam ao táxi e a boate. No primeiro caso para considerar o terceiro período como a melhor resposta exige que o leitor infira que se o restaurante possui maître é porque é um restaurante fino, francês e por isso os preços praticados são muito altos e que para fazer refeições nesse tipo de restaurante é necessário que se tenha muito dinheiro. Os alunos que responderam a boate e o táxi não conseguiram levar em conta essa informação e talvez tenha optado pelas respostas boate e táxi, que do ponto de vista deles pode até ter coerência se compararmos os preços de uma determinada corrida de táxi ou o preço pago para se entrar numa boate em dias especiais. Mais nada comparável a preços praticados nos restaurantes franceses. Então como desconheciam a palavra maître, preferiram optar pelas que conheciam boate e táxi para responderem a questão.

Questão 8 - Observe os destaques nestes trechos da crônica.

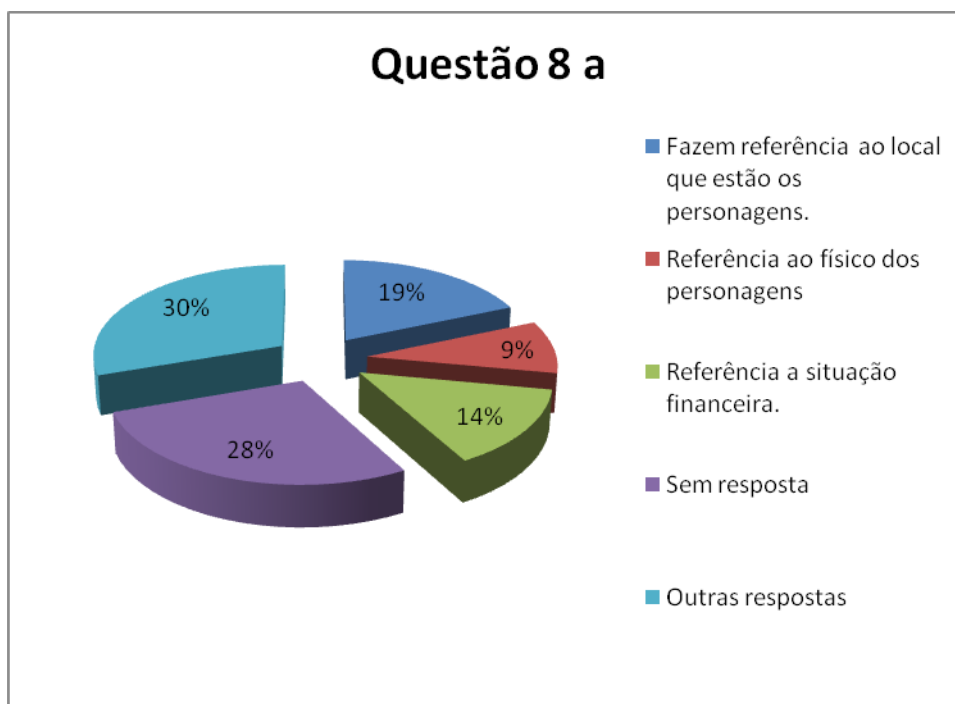
"Moça, chama-me o chão. Não é o chão, é uma pessoa acorçada junto à parede."

"[...] o bebê mole no calor, largado no colo da mãe, ao nível dos meus pés."

a) Essas expressões servem para indicar fisicamente o quê?

Espera-se que os alunos digam que as expressões indicam o lugar em que as pessoas estão, ao mesmo tempo, à distância que as separa da personagem: elas estão no chão e a personagem está no alto.

Quant.	Respostas
1	Que estão precisando de dinheiro.
1	Que eles estão moles e caídos no chão.
12	Sem resposta.
1	A desgraça das pessoas, a pobreza.
1	A moça é deficiente física e não tem pernas.
1	Que o bebê pulou direta aos pés dos homens.
1	Que ele que bem alto, ou que ele é um adolescente.
1	A primeira mostra que tem uma pessoa encostada na parede e a mulher está com seu filho no colo sentada no chão.
1	O sujeito indeterminado.
1	Que o bebê está largado no colo da mãe.
1	Que ele não tem braço e perna.
1	Sim.
1	Ele largou o bebê no calor do chão.
1	Pessoas sofrendo.
1	Servem para indicar que as pessoas precisam de ajuda.
1	Alguma coisa liga ao chão acocorado junto a parede.
1	Que é para a moça chamar a pessoa que ta acocorada junto a parede no chão.
1	Quando ele fala sobre o bebê e sobre a pessoa no chão junto a parede.
1	O estilo que eles pedem esmola.
1	Um mendigo que estava deitado.
1	Que ele passou perto de uma rua que contém mendigos.
1	Que a mulher está pedindo esmola.
1	Das crianças.
1	A moça e o bebê.
1	Que eles estão largados no chão deitados.
1	Que tem uma pessoa deitada no chão junto á parede e um bebê largado no colo da mãe.
1	Que ela é baixa.
1	O calor.
1	Que eles estão pedindo esmola.
1	O pobre mendigo com um bebê sem nada para comer.
1	O estado da pessoa.
1	O calor do bebê.
1	O alguém.



O autor utiliza a expressão “Moça, chama-me o chão” que para entendê-la exige uma inferência que pode ser feita a partir de elementos que estão no próprio texto, pois logo após essa expressão o autor já a explica dizendo que quem chama é uma pessoa acororado junto à parede. Ao dizer que o chão estava chamando o narrador quer se referir ao local onde estão as pessoas citadas por ele, o mesmo acontecendo com a expressão “o bebê ao nível dos pés”.

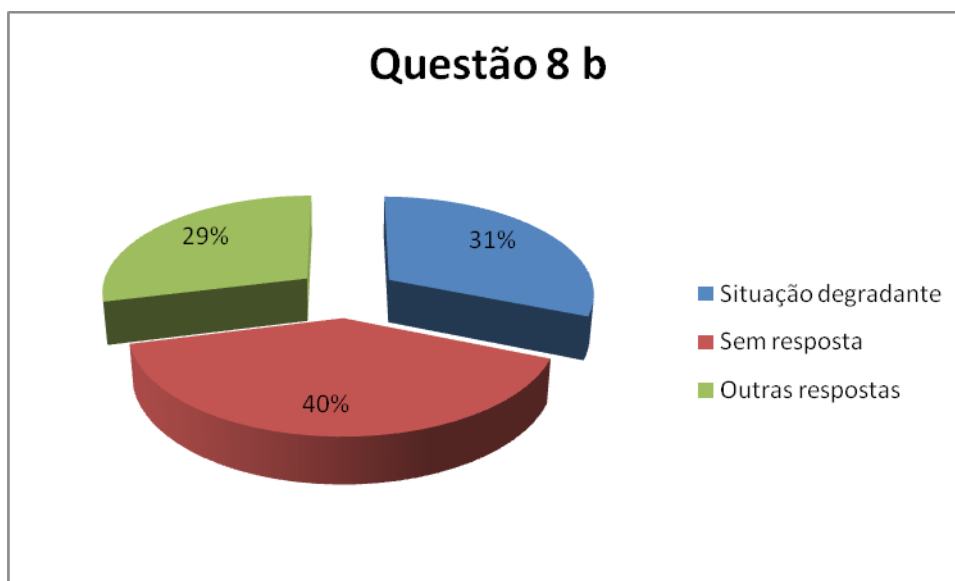
Tivemos respostas interessantes as quais os alunos se referiram ao físico ora dizendo que o narrador era alto ora dizendo que a personagem era baixa. O percentual dessas respostas foi de 30%, 13 alunos. Já os que não responderam correspondem a 28%, 12 alunos. As duas categorias, portanto, somando 58%, 25 alunos, um número muito alto. Um fato preocupante, porque logo na sequência da expressão: "Moça, chama-me o chão", há outra expressão explicando a antecessora “ Não é o chão, é uma pessoa acororada junto à parede." É uma inferência que se resolvia com elementos do próprio texto. Bastaria que lessem o texto ou apenas o enunciado. Mas eis aí uma hipótese para o erro, o enunciado letra A: “Essas expressões servem para indicar fisicamente o quê”? Provavelmente a palavra fisicamente comprometeu a resposta, fazendo com que 13 alunos fizessem inferências em relação ao físico da pessoa que o personagem citou dizendo que ela não tem perna e que é alto. Isso mostra que inferiram, mas uma inferência imprópria, pois não era isso o esperado pela autora do texto. Ela queria que inferissem a situação social daquelas pessoas pelo lugar que se encontravam.

Já os que não responderam, possivelmente tiveram outra dificuldade, além de não conseguirem inferir sobre a palavra fisicamente, mesmo de forma errada, como os citados anteriormente, não conseguiram fazer a inferência na própria expressão destacada no enunciado. Outra possibilidade para esse segundo caso é que entenderam as duas formas, porém ficaram na dúvida quanto qual das duas responder.

b) Ao usar essas expressões, o que o narrador quer destacar, quanto à situação das pessoas a que ele se refere?

Espera-se que os alunos entendam que essas expressões sugerem que as pessoas estão submetidas a uma situação degradante, humilhante.

Quant.	Respostas
4	Quer destacar que as pessoas são pobres e não tem muitas condições.
1	Que tudo é diferente.
1	Acocorado no chão.
18	Sem resposta.
1	Ele quer destacar que as pessoas lhe pedem ajuda.
1	A vida corrida.
1	Que talvez alguém precise de ajuda.
2	O bebê e a moça.
1	Ele quer destacar nas palavras sujeito indeterminado.
1	Que eram pessoas pedindo esmola, sem casa onde morar sem boas condições financeiras.
1	O modo de vida.
1	Que criança é mais apaixonante do que ele.
1	Que não tem pernas e é muito necessitada.
1	Que as pessoas usam criancinhas para apanhar dinheiro.
1	Que as pessoas tem uma condição de vida ruim.
1	Uma pessoa que não dá valor a vida.
1	A um pobre com fome.
1	Que são pessoas que não tem dinheiro e nem uma casa para morar.
1	Ela é um mendigo.
1	Dramática, isolada, sozinha.
1	Ele quer destacar o bebê mole no calor, largado no colo da mãe.
1	A pobreza alheia.
1	Que a pessoa por ela ser pobre não quer dizer que ela não seja gente.
1	Que ela não tem o que precisa.



Como 58% dos alunos pesquisados não conseguiram responder a questão anterior, isso acabou gerando o erro nesta questão 8B porque se refere às mesmas expressões citadas no enunciado número 8A. Pode-se perceber pelo gráfico, claramente, que praticamente a mesma porcentagem e o mesmo número de alunos deixaram a questão sem resposta ou escreveram outras respostas 31 alunos no total. Uma hipótese para isso está no mesmo no enunciado da questão 8 A, que citou a palavra fisicamente e os alunos não conseguiram inferir sobre que estado físico era esse. E como a questão 8B é uma continuação da 8A, isso acabou comprometendo a resposta da questão 8B.

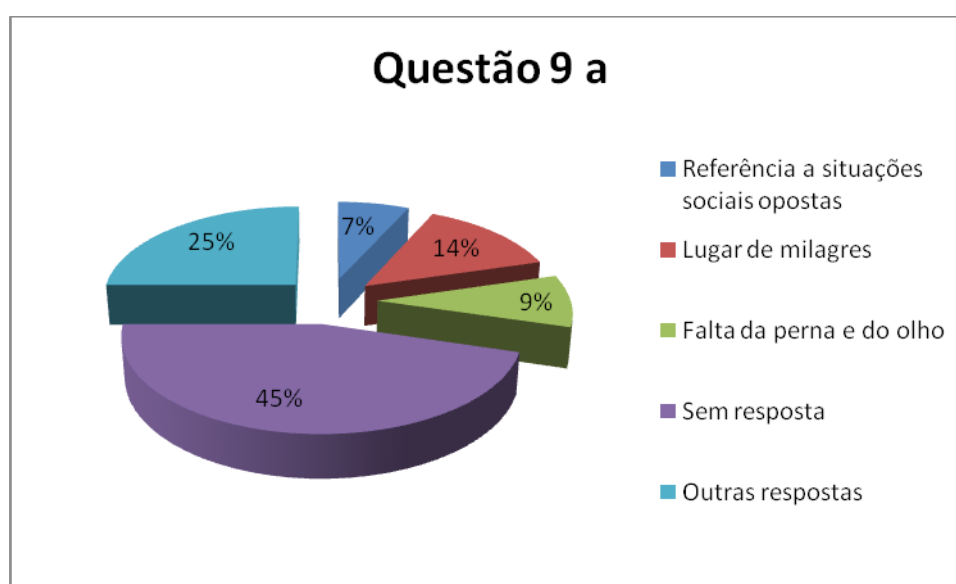
Questão 9 - Considere o quinto parágrafo e responda aos itens a seguir.

a) As expressões "Pátio dos Milagres" e "Pátio da Cidade" são empregadas em referência a duas situações sociais opostas e completamente diferentes. A que situação social pode ser associada cada uma dessas expressões?

“Pátio dos Milagres” refere-se à situação de miséria, de desespero social, de desesperança na realidade (é como se as pessoas estivessem à espera de um milagre); “Pátio da Cidade” refere-se à situação de conforto material, de bem-estar social.

Quant.	Respostas
1	Pátio dos milagres porque lhe falta uma perna, pátio da cidade só quer descansar de tudo que falta.
1	Pátio dos milagres são as pessoas com poucas condições financeiras. Pátio da cidade são as pessoas que tem condições financeiras boas.
20	Sem resposta.
1	Que as duas praças precisam de cuidados e higiene.

1	Pátio dos milagres, sociedade pobre. Pátio da cidade, sociedade rica.
1	Pátio da cidade só quer descansar de tudo que me falta. Pátio dos milagres.
1	Porque falta pena.
1	São situações de pena.
1	Eu acho que um é na igreja e a outra é no centro da cidade.
1	Falta as pernas, falta o olho e ele quer descansar.
1	Pátio dos milagres é que o pátio acontece milagres. O pátio da cidade é um pátio relacionado a cidade.
1	Porque ele acha que o pátio faz milagres e no pátio da cidade ele só quer descansar.
1	Porque eles acham o pátio é milagroso.
1	Que não tem um olho e nem a boca.
1	O pátio da cidade está sujo, o pátio dos milagres está sujo.
1	Mas é difícil andar nesse “Pátio dos Milagres” porque me falta uma perna. É difícil porque me falta um olho.
1	O pátio da cidade refere-se a cidade e o pátio dos milagres deve ser algum lugar que deram esse nome.
1	Que o pátio.
1	Porque ocorreram muitos milagres, podia ser uma praça da cidade.
1	Ele traçava a cidade na reta dos passos dele. Mas agora é difícil andar nesse pátio dos milagres porque falta uma perna dele.
1	A um pátio.
1	Um é um lugar pobre com tudo de ruim, e o outro é o contrário.
2	Sim.
1	Que não é só os mendigos que sofrem, mas ele também.
1	Pátio dos milagres – é o asilo. Pátio da cidade – são as ruas da cidade.
1	Partir do milagre que não há milagres para aquelas pessoas. Pátio da cidade é que ele chegou em casa.



O enunciado da questão exige duas formas de inferência. Uma nas expressões “Pátio dos Milagres” e “Pátio da cidade” as quais o aluno deveria perceber que estão no sentido figurado, fazendo referência a outra expressão que também exigia uma inferência sobre situação social. Percebe-se pelo gráfico acima que somente 7%, 3 alunos pesquisados conseguiram fazer as inferências necessárias e apresentar respostas referindo-se às situações sociais. Outra parte, 14%, 6 alunos responderam no sentido literal considerando a palavra pátio como lugar. O interessante foi os 9%, 4 alunos que responderam coisas relativas à falta de uma perna e olho.

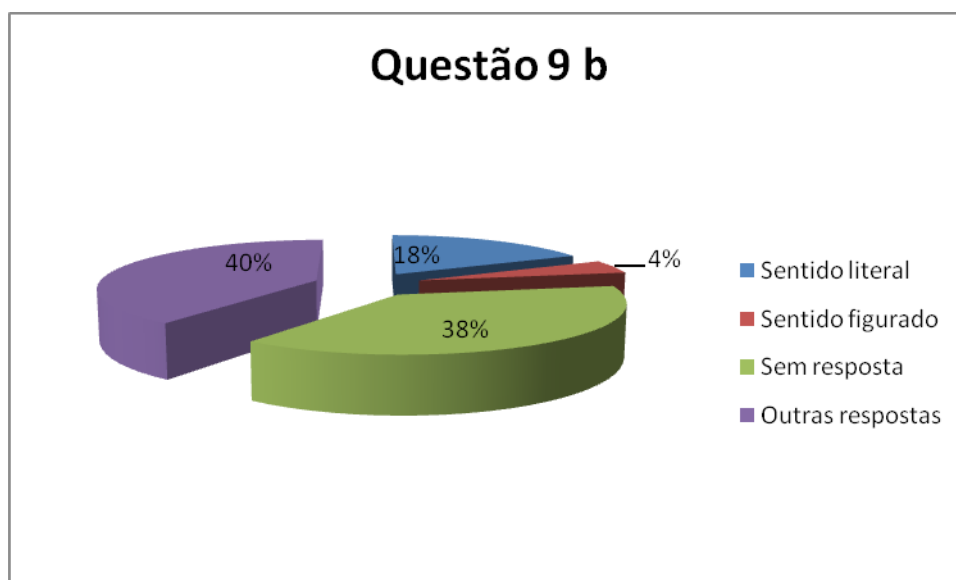
Indiretamente os 9%, 4 alunos conseguiram fazer a inferência correta porque pensaram que a pessoa, a personagem do texto, estivesse a espera de um milagre. E foi inferência indireta porque ao considerarem no sentido literal a falta de uma perna e um olho, que na verdade no texto estava no sentido figurado, acabaram fazendo a inferência correta. Ou seja, através de um erro inicial de terem pensado que faltava uma perna e um olho na personagem, acabaram conseguindo fazer uma inferência correta.

b) As afirmações "me falta uma perna" e "me falta um olho" não têm sentido literal, ou seja, o narrador não está se referindo a características físicas de si próprio. Então, o que ele quer dizer com isso?

Espera-se que os alunos concluam que ele está admitindo sua dificuldade em se sensibilizar com o sofrimento das pessoas que lhe pedem ajuda.

Quant.	Respostas
1	Quer dizer que é difícil chegar aos lugares por causa desses problemas com a perna e com os olhos.
1	Porque ela não dá muito bem com as pessoas.
1	Que falta dinheiro e comida.
1	Que ninguém está sozinho.
1	Por conta das três destruições.
1	Suas pernas são fracas e sua visão é ruim.
1	No pátio dos milagres.
17	Sem resposta.
1	Que falta perna e olho e não tem sentido.
1	Que ele não tem perna e falta um olho.
1	Ele está querendo mostrar situações indiretas.
1	Porque ele queria descansar.
1	Cansaço, falta de tempo.
1	Que ele não enxerga e nem anda direito, mas mesmo assim é feliz.
1	Que para as pessoas eles não enxergam as coisas que acontece no mundo.
1	Que dá pena de olhar para ele mesmo.
1	No pátio dos milagres os pobres se amontoam e se sente mal fisicamente.

1	Que falta higiene na praça, que falta casas para as pessoas que moram na praça. Etc.
1	Que o personagem não tem uma perna nem um olho.
1	Que ele tem pena dele mesmo e ele nem se olha.
1	Quando ele olha para aquelas pessoas que não tem nada ele sente pena delas.
1	Que ninguém liga para ele.
1	Que ele e aleijado de uma perna e cego de um olho.
1	Que ele vendo isso se sente igual a eles.
1	Ele não quer ver ou sentir o que está ao redor dele e sim o que está na imaginação.
1	Mas sim aos seus sentidos.
1	Que ele não consegue andar nem enxergar.
1	Que o personagem dele não tem uma perna nem o olho.
1	Que não podia sair de casa.



A questão exige que o aluno perceba que as expressões “falta uma perna” e “falta um olho” estão no sentido figurado. O próprio enunciado já explicita isso quando fala que essas expressões não têm sentido literal e ainda explica que não está se referindo a características físicas. Podemos perceber que os alunos não levaram em consideração essa parte do enunciado e acabaram ou não respondendo ou respondendo respostas inadequadas. Nesse caso a explicação do enunciado não resolveu nada.

Outra hipótese, talvez a mais provável, foi que os alunos não conseguiram inferir o significado dessas expressões que necessitava de um entendimento muito apurado do texto. O que quero dizer é que para entender o significado dessas expressões o leitor deveria ter percebido que o texto faz uma crítica social

principalmente as pessoas que não se sensibilizam com o sofrimento alheio e nesse sentido seria como lhe faltassem uma perna ou um olho, como escreve a autora.

Observações sobre as respostas da crônica “Eu faço não com a cabeça”

Nessa segunda atividade de pesquisa o enunciado de algumas questões atrapalhou a resposta dos alunos ou por deixá-los em dúvida ou por trazer palavras que desconheciam e termos diferentes dos que conheciam.

A estruturação do texto, a forma como a autora escolheu para fazer a sua crônica, começando em terceira pessoa e mudando logo em seguida para primeira pessoa e a forma de contar com as quais os alunos ainda não têm familiaridade, atrapalhou a resposta em algumas ocasiões.

Em questões que exigia que os alunos voltassem ao texto para poder inferir através de pistas presentes nele, ficou evidente que eles têm dificuldades para fazer isso.

Um fato interessante foi que em questões em que a posterior dependia da anterior para que acertassem a pergunta, como nas questões 3 e 4, eles erraram as duas, porém na questão 8A eles erraram, mas o erro provocou o acerto da 8B. Isso significa que nem sempre uma questão sequencial provoca erro nas duas questões.

Outro fato muito curioso foi o que aconteceu na questão 9A que exigia uma inferência sobre “Pátio dos Milagres” e “Pátio da Cidade”. Por fazerem uma inferência errada anteriormente sobre a personagem não ter perna nem olho, fez com que os alunos fizessem uma inferência correta sobre “Pátio dos Milagres” e “Pátio da Cidade”.

Quanto a questão que versava sobre problema, os alunos tentaram encontrar a resposta no próprio texto, porém nesse texto específico não há como encontrá-lo explícito, mas através de pistas oferecidas pelo texto. E elas são dadas através do problema individual de cada pessoa que a personagem cita para que o leitor busque em seu conhecimento prévio e deduza que o problema apesar de ser tratado individualmente é um problema coletivo.

Comparando dados

Fazendo um paralelo entre as respostas obtidas pelo questionário de pesquisa das duas crônicas podemos observar o seguinte:

Nas questões em que se exigia a inferência sobre o narrador, não aconteceu grande diferença nas respostas. Nas questões 1 e 2 da crônica de Paulo Mendes Campos o erro dos alunos está ligado a falta de atenção para poder fazer a inferência devida e na elaboração da resposta. Na questão de número 1 do texto de Marina Colasanti que versa sobre a mesma habilidade da crônica anterior, as respostas inadequadas ocorreram por falta de entendimento do enunciado e também pela forma de elaboração da estrutura do texto. A questão de número 8b do texto 2 apesar de estar testando a habilidade de inferência foi prejudicada também pelo enunciado.

A questão de número 3 da crônica “Lagartixa” é comparável com a questão de número 8A, 7A e 7B da crônica “Eu faço não com a cabeça”. As quatro exigiram do aluno uma inferência a partir de elementos do próprio texto. Apesar disso os alunos somente conseguiram obter um resultado melhor na primeira crônica, 58% contra 19%, 36% e 40%, respectivamente.

Já na questão 4 do primeiro texto exige a mesma habilidade da questão de número 3 do segundo texto, a identificação do problema gerador do enredo. Como o texto 1 é mais simples na sua estruturação permitiu que 71% dos alunos respondessem satisfatoriamente. E como o texto 2 tem uma elaboração mais trabalhosa em que a personagem cita várias pessoas as quais relata com situações problema, que apesar de serem diferentes pertencem a classe semântica do social, acabou prejudicando a resposta dos alunos.

Com as questões que versam sobre a solução do problema, nos dois textos trabalhados, a maioria dos alunos 90% no primeiro texto e 51% no segundo texto responderam adequadamente, com um fato interessante, no primeiro os alunos detectaram o problema e no segundo, mesmo considerando o problema como individual de cada pessoa que a personagem citou e não o problema coletivo, eles conseguiram acertar.

As questões que versavam sobre o conflito tanto em um quanto em outro texto pesquisado, os alunos não conseguiram fazer respostas adequadas.

Questões de dedução como a de número 9, 10 e 11 do texto “Lagartixa” e a de número 5 do texto “Eu faço não com a cabeça” apresentaram respostas adequadas somente em 38%, 18% e 38% dos alunos respectivamente e da questão de número 5 também 38%, mostrando em ambos os textos respostas equivalentes.

E para finalizar, comparando as questões de número 9A e 9B da crônica 2 com as questões 12, 13, 14, 15 e 16 que exigiam algum tipo de inferência os alunos pesquisados se saíram melhor no primeiro texto.

Considerações finais

O presente trabalho teve por finalidade fazer um breve estudo sobre a capacidade de inferências de um grupo de alunos do 8º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Dom Bosco de Pará de Minas, com o objetivo de detectar o nível de proficiência leitora para futura elaboração de estratégias para saná-las.

Para isso buscamos subsídios em teorias que falavam sobre texto, compreensão, leitor competente e sobre inferências e embasados nelas conseguimos aplicar atividades de interpretação de texto elaboradas a partir de duas crônicas de dois autores conhecidos dos leitores brasileiros.

Em nossa pesquisa, pela análise de dados, procuramos evidenciar as dificuldades que os alunos enfrentam ao interpretar um texto escrito, como a crônica, porque na compreensão leitora exigem-se conhecimentos que nem sempre estão explicitados no texto e dependem do conhecimento adquirido pelo leitor para conseguir uma boa leitura.

Não podemos afirmar onde erraram e porque os alunos não responderam adequadamente as questões, mas conseguimos levantar algumas hipóteses a respeito que poderão ser estudadas e chegar a uma conclusão acertada sobre cada situação.

Embora a pesquisa tenha sido realizada com um pequeno grupo de alunos isso não significa que todos alunos tenham as mesmas dificuldades, mas através desse referencial é possível pensar e colocar em prática atividades que testem e melhorem a capacidade de leitura de todos estudantes.

Nosso desejo é que todos professores usem o texto tanto para a aquisição de conhecimentos quanto para ensinar as habilidades, pois como já falamos, o sentido do texto se constrói a partir das inferências que o leitor faz sobre ele, empregando seus conhecimentos prévios e o relacionando a outros textos.

Referências bibliográficas

- CAFIERO, Delaine. Leitura como processo: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Discurso e Ensino. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica/FALE-UFMG, 2005.
- COSCARELLI, Carla Viana
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. O sentido das palavras na interação leitor – texto. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva, BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). O Livro Didático de Português. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- GUIMARÃES, Eduardo. Os Limites do Sentido. Um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 3.ed. Campinas: Pontes, 2005.
- KLEIMAN, Angela. Oficina de Leitura: Teoria e Prática. 10.ed., Campinas: Pontes, 1992
- MATTE, Ana Cristina Fricke (Org.). Língua(gem), texto, discurso – entre a reflexão e a prática. Vol. 2. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2007.
- MELLO, Dulcina E. W. (Org.) Gêneros Textuais – Ensino e Produção. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2005.
- ORGANON 23, Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v.9. nº 23, Porto Alegre: Faculdade de Letras da UFRGS, 1995.
- REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.9. nº 1. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.
- REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.16. nº 2. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.
- SAMPAIO, Ana Karina Barbosa. A inferência na compreensão do texto escrito. São Paulo, 2005. Dissertação – (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SANTOS, Márcia Regina Mendes. O estudo das inferências na compreensão do texto escrito. Lisboa, 2008. Dissertação – (Mestrado em Linguística Educacional) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca, MARINHO, Janice Helena Chaves (Org.).
Estudos da Língua em Uso – Relações Inter e Intra-sentenciais. Belo Horizonte: FALÉ-
UFMG, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A inter-ação pela linguagem. 9.ed. São Paulo:
Contexto, 2004.